RIO GRANDE DO NORTE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO E ENSINO

CRONICAS PUBLICADAS NO JORNAL "A REPUBLICA" PELO PROFESSOR ANTONIO FAGUNDES, DIRETOR GERAL DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

(PUBLICAÇÃO OFICIAL)

NATAL
Imprensa Oficial
1940

RIO GRANDE DO NORTE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO E ENSINO ::

CRONICAS PUBLICADAS NO JORNAL "A REPUBLICA" PELO PROFESSOR ANTONIO FAGUNDES, DIRETOR GERAL DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

(PUBLICAÇÃO OFICIAL)

Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO

NATAL
Imprensa Oficial
1940

A TITULO DE PREFACIO

Rabiscando no jornal "A REPUBLICA" as cronicas que se seguem, fui animado do desejo de ser util aos professores mais novos e, por isso mesmo, pouco experientes no exercicio do magisterio. Fi-lo, porem, sem o intuito de aparecer aos olhos do publico, tanto assim que não as assinei. Pequena não foi, porem, a surpreza que experimentei com a manifestação de interêsse dos colegas e amigos outros que, ciêntes da sua autoría, trouxeram-me palavras de simpatía e aplausos insistindo para que as reunisse em opusculo. Se as havia rabiscado em horas de lazer e com o fim de ser util a alguem, por que negar-me de fazê-lo ?

Resta-me expressar de publico o meu agradecimento mui sincero por aquela generosa acolhida; é o que faço nestas linhas sentindo-me perfeitamente compensado se, efetivamente, lograrem ser uteis aos neofitos do sublime mistér de formar novos caractéres.

Natal, Setembro, 940

A. Fagundes

I

MAIS UM POUCO DE ABNEGAÇÃO PELA ESCOLA

Precisamos compreender a grande verdade de que é na escola que reside a salvação da nacionalidade. E' preciso convencermo-nos de que a escola é o cadinho onde se fundem os caractéres humanos, sob as chamas que se alteiam crepitantes da familia, centro de irradiação de todos os nobres sentimentos, onde o coração desperta para a vida e a inteligência se ensaia para as grandes conquistas civico-sociais.

Precisamos compreender que "a escola é a celula mater da nacionalidade", o meio convenientemente disposto para realizar o futuro dos povos.

No lar e na escola é que depositamos a nossa mais lídima esperança. Neles a Patria confia a mais legitima das suas aspirações, qual seja a preparação dos herdeiros da sua tradição, sustentaculos da soberania, propulsores da opulencia, sentinelas indormídas do tesouro da sua dignidade soberba, impoluta, majestosa.

Para maior grandeza da nação, que é a resultante do valor de cada um de seus filhos, ó pais e mestres, mais um pouco da vossa dedicação e do vosso desprendimento pessoal, sem o anseio de uma compensação material. O que fizerdes pelas crianças é o tributo do que a Patria vos proporcionou e, ao mesmo tempo, um legado precioso aos vossos filhos. O que se dispende com a educação retorna aos cofres donde saiu em proporções nun-

ca imaginaveis, pois não ha dinheiro que possa comprar a firmeza do caráter, as forças da inteligência e a doçura do coração.

II

A LEITURA NA ESCOLA PRIMARIA

Dentre as disciplinas da escola primaria a linguagem sobressai por que é a chave do pensamento.

A leitura, por sua vez, é dos primeiros exercicios de linguagem, feitos na escola, e abrange todo o curso, do primeiro ao ultimo ano. E' muito comum encontrarmos pessoas que lêem e não compreendem o assunto lido. Devem essa deficiencia intelectual a defeitos do ensino dessa disciplina na escola primaria.

O professor que vai tomar lição de leitura de uma classe sabe que não é dispensavel a sua atenção. Deve acompanhar cada aluno á proporção que este vai fazendo a leitura. Assim, verá que certa palavra teve pronuncia incorréta, aqui a voz não teve a inflexão devída, ali o aluno deixou de fazer a pausa do ponto final, ou não fez a inspiração indispensavel a que não seja intercortado o trecho onde a sucessão das palavras torna compreensivel o assunto, torna a leitura harmonioso, sonante, agradavel. Se forem trinta ou quarenta lições a serem ouvidas, todas exigem a mesma atenção, o mesmo cuidado do mestre. Dar-se-á, não raras vezes, que em um só momento de distração do professor, o aluno incide em graves erros de linguagem que deixam de ser observados, comentados e corrigidos.

Ensinar é dificil, é tarefa muito exhaustiva, muito mais do que supõem os que nunca exerceram o magisté-

rio. Não erraremos afirmando que é até martirizante, rouba as energias cerebrais, fatiga assustadoramente. O trabalho diuturno de quatro horas seguidas, em que o professor fala incessantemente, enfraquece os orgãos e não raro compromete o aparelho respiratorio. E' missão para ser exercida com abnegação como se fosse um sacerdocio. Tal vem a ser o dever de quem aceitou livremente missão de tanto sacrificio.

Tenham os professores e os pais o maximo interêsse na leitura das crianças, esses auxiliando-as na preparação das lições do dia, aqueles não distraindo de nenhum modo o tempo do horario consignado a essa disciplina e seguindo estritamente os metodos e os processos recomendados.

III

NÃO HA ENSINO SEM DISCIPLINA

Ensinar é dificil. Educar, porem, é ainda muito mais dificil.

Requisitos especiais se tornam indispensaveis a quem se propõe ao mistér de educar, seja pai ou preceptor. Aos primeiros a natureza concedeu as forças do coração, o aféto, o amôr que orienta, em grande parte, as atitudes e dita lições bem sabias; aos segundos cumpre suprir as lacunas com a arte de educar, pelas disposições dos sentimentos, pela vocação, enfim, vocação decidida pela qual o preceptor ama aos seus alunos como filhos do espirito que o são e em favor dos quais prestou solene juramento. Cumpre-lhes, pois, educá-los instruindo, isto é, ensinando.

Não ha ensino sem disciplina. A disciplina, porem, não é imobilidade e sim moderação nos gestos, pontualidade no cumprimento das obrigações escolares, é, finalmente, ordem no trabalho. E a ordem é o melhor auxiliar de quem trabalha.

Mantenha o professor a classe sempre ocupada com trabalhos acessiveis, interessantes, variados, e verá o efeito disciplinar que o trabalho produz; reinará o silencio e predominará o interêsse de todos pelo desenrolar da classe.

Seja o professor calmo no falar, moderado nos gestos e prudente nas atitudes, e verá como todo o seu esfôrço

se tornará eficiente. As crianças observam tudo e seguem muito mais o exemplo do que os conselhos; as palavras são levadas pelo vento mas as impressões da atitude do mestre, que é modêlo de procedimento, perduram com intensidade, passam a fazer parte integrante da personalidade em formação.

Sem disciplina será nulo todo o trabalho do educador e ele proprio é quem, inapercebidamente, contribue com o exemplo para a formação do caráter dos seus alunos. A uniformidade na disposição do animo, o tom da voz do professor, á altura somente necesaria a que seja ouvido pelo ultimo da classe, são dos mais eficientes processos para a bôa ordem do trabalho escolar. Educação e instrução na escola primaria se ajustam e se completam. O trabalho do professor resume-se em ministrar o ensino de tal modo que fique assegurada a natural reciprocidade entre os dois fins precipuos da escola primaria.

IV

O EXERCICIO DE DITADO

Nem sempre o insucesso na escola é devido á propria escola. Não raro, deles são causadores agentes estranhos á vontade do preceptor.

Desde quando a sociedade convencionou que a escola teria a seu cargo a educação e a instrução da mocidade, é ela responsavel diréta e indiréta pelos males ocorridos na educação das crianças. Relativamente ao exito do educando, nem sempre acontece o mesmo; se o menino é moderado, deve-se á bôa educação domestica, e quando se adianta nos estudos, é quasi sempre em virtude da sua inteligencia. Aos professores resta somente conformar-se com a sentença passada em julgado. E nem digamos que não ha motivos para que assim todos pensem. Se a escola tem a si tão pesado encargo, por que fugir dessa responsabilidade?

Terá de vencer serissimos obstaculos de toda ordem, sem meios, ás vezes, para levar a cabo tão dificil missão.

Os pais desejam que as crianças aprendam a lêr, escrever e contar no menor prazo possivel. Para lição de ditado, por exemplo, que é dos principais exercicios de linguagem, quantos engenhos não empregará o professor afim de torná-lo proveitoso?

O ditado, aliás, é um exercicio muito importante e reclama, por isso mesmo, especial atenção do professor.

Escolhido o trecho e observados os metodos recomendados pela didatica, o preceptor deverá lembrar-se de que a bôa dição e, no ditado de trechos, a interdependencia das palavras formando locuções faceis á compreensão, é condição essencial a que sejam evitados muitos erros. O escolar não erra somente por não saber escrever a palavra. Se observarmos um desses exercicios, veremos que varios erros provêm de uma audição imperfeita: o aluno ouviu mal e escreveu tal como ouviu. O professor terá o cuidado de pronunciar as palavras bem claramente, (sem afetação, entretanto) unindo dois ou mais vocabulos que possam facilitar a compreensão e separando os que a isso não convêm, ou que originem sentido diverso.

Feito o ditado, surge o problema da sua correção E' necessario saber-se corrigi-lo. As crianças nem sempre guardam as correções e daí nos vem o dever de usar para isso metodos mui seguros. O essencial é que a criança aprenda realmente a ortografia das palavras; se o exercicio não atingir a esse objetivo, será falho.

A metodologia e a processologia fornecem aos professores multiplos recursos para o desempenho dos seus deveres de educar ensinando. Cumpre que deles não se afastem.

A mocidade será — dizia notavel pensador — o que os professores quizerem. A mocidade é, em resumo, fruto da escola onde se educa. E os mestres necessitam corresponder á confiança que a Patria lhes deposita.

V

A HIGIENE DA AGUA NA ESCOLA

A higiene das crianças na escola merece bastante atenção dos pais e preceptores.

Os livros, lapis e demais objétos de uso individual não devem jamais servir a outrem porque varias molestias podem ser transmitidas por eles.

No uso da agua, porem, os cuidados dos pais e professores devem ser maiores.

As modernas instalações do serviço dagua nas escolas não deixam nada a desejar sob o ponto de vista higienico. O bebedouro de jato, muito conhecido nos centros mais adiantados, do qual o escolar se serve no proprio esguincho e sem tocar os labios no tubo donde jorra, é instalação perfeita e que preenche todos os requisitos de higiene.

Em nossas escolas, infelizmente, não foi possivel ainda tão util instalação e, por isso, temos que seguir o classico processo do filtro comum donde a agua é captada em copos.

Com o intuito de evitar a transmissão de varias molestias, cada escolar deve possuir para seu uso exclusivo, um copinho de aluminio, por exemplo, desses que o comercio vende a preço modico, adaptados em caixinhas proprias.

Ainda assim, não é reduzido o numero de alunos que usam o copo individual sem ser lavado convenientemen-

te porque ora o esquecem na escola, ora, tendo-o recebido em casa devidamente preparado, esquecem o cuidado que lhe devem dispensar e deixam-no cair ao solo, expõem-no ás poeiras, etc.

Será imprescindivel, portanto, diante da falta de meios para uma aparelhagem adequada, que pais e mestres façam nesse particular, constantes e sucessivas explicações ás crianças sobre as medidas de higiene que devem ser tomadas, esclarecendo-lhes os perigos que lhes advêm á saude com a inobservancia desses preceitos. Uma fiscalização intensa, constante, suprirá a deficiencia da nossa aparelhagem de higiene escolar. Mesmo que haja dois irmãos na mesma classe, é indispensavel seja reservado um canequinho a cada um.

A fiscalização dos habitos de higiene se impõe sempre, sobretudo no que se refere aos alimentos e á agua fóra da habitação propria, que é por si mesma veículo de não reduzido numero de molestias transmissiveis.

VI

O BRINQUEDO NA ESCOLA

Encontramos pais que vêem no brinquedo das crianças na escola um passa-tempo para os professores, um disperdicio da quadra de aprender a lêr. Ha mesmo quem solicite do professor, no ato da matricula, a dispensa do recreio alegando que os filhos já brincam bastante em casa.

Para tudo o que interessa a vida da criança, porem, ha leis que ditam normas a seguir. O brinquedo é um tonico para o organismo em desenvolvimento. O indispensavel não é proibir-se o brinquedo mas ensinar-se a criança a brincar, a tirar do jogo o maximo de proveito para a sua educação, quer seja de ordem social, moral ou fisica.

Resumem-se em três condições as leis do jogo ou brinquedo, para que o tenhamos eficiente: —

1.º — ser livremente exercido pela criança;

2.º — proporcionar verdadeiro prazer a quem o executa;

3.º — ser indicado pela necessidade do organismo em desenvolvimento.

Ora, na escola o recreio é destinado ao brinquedo e ao repouso das fadigas provindas de um trabalho intelectual mais ou menos intenso. Os jogos das crianças fazem parte da sua vida, estão ligados ás suas experien-

cias, dificuldades, alegrias, temores e esperanças, e ao educador, pai ou preceptor, cumpre formar jogos apropriados á idade e ao sexo de cada grupo. E não pensem os mestres que é dispensavel a sua colaboração nos brinquedos infantis, pois, os meninos precisam tambem aprender a brincar.

E' no recreio que os meninos encontram o repouso do espirito praticando jogos que entretenham e eduquem, estimulando a socialização, a cooperação, a estima que não raro se torna mais solida com o decorrer do tempo e constitue tão gratas recordações na idade adulta. E quem será que não conserve sinceramente ao menos uma das amizades nascidas do convivio infantil, dentre os brinquedos, ou delas não se recorde com extrema saudade ?

Ao nosso vêr não é o recreio, não é o brinquedo a causa de algum mal. As consequencias menos agradaveis ocasionadas pelo brinquedo têm a sua origem na falta de metodo com que é feito, no abandono em que os meninos permanecem longe da vigilancia dos pais, e, na escola, fóra da fiscalização dos professores. Esta autonomia concedida á infancia durante os brinquedos é nociva, seriamente prejudicial á educação, e leva as crianças a desvirtuarem os fins dos jogos que empreendem.

Pais e mestres bem avisados não poderão esquecer que as crianças, quando em liberdade, reclamam atenção muito maior, afim de que não transformem os jogos em agentes deseducativos.

VII

AUXILIEMOS O TRABALHO DAS CRIANÇAS

Muitos pais e professores supõem que auxiliar a criança para vencer certa dificuldade intelectual consiste em fazer aquilo que lhe está sendo dificil.

Certas mães levam-se ao exagero de chamar a si todos os pequenos encargos das crianças no lar com o fim de economizar as energias dos filhos e julgam que desse modo têm contribuido para a sua felicidade.

Um tal sistema é, ao contrario, perfeitamente deseducativo porque leva o menino a não empreender lutas para a solução das suas tarefas; não aprenderá a esforçar-se para a resolução dos problemas da vida e confiará sempre que outrem o faça por si; deixará de pôr em jogo a sua atividade, as forças da inteligencia, e dificilmente executará sozinho trabalhos que lhe sejam impostos.

Cumpre-nos auxiliar as crianças porem nunca devemos tomar o encargo de tudo executar por elas. Auxiliar quer dizer orientar, facilitar a execução e nunca executar totalmente; eis o que devem fazer pais e mestres. A criança precisa aprender a fazer fazendo porque somente assim adquire o dominio de si mesma e a capacidade necessaria para vencer as dificuldades da vida futura. Sem essa preparação tornar-se-á fraca, acovardada diante de qualquer obstaculo que se lhe depare. Desbravar o terreno e dar-lhe auxilio indispensavel para que possa so-

lucionar a contento uma determinada questão, eis o que vem a ser ensinar. E' mistér que pais e educadores levem os meninos a confiarem em si proprios, no exito dos seus empreendimentos. E' necessario habituá-los á perseverança e á confiança no seu esforço.

Uma criança educada desse modo sentirá prazer no trabalho e dele não fugirá, enquanto a que é auxiliada em excesso sempre que se depara com uma dificuldade, em lugar de procurar vencê-la, espera que alguem vá ao seu encontro para afastá-la da situação considerada insoluvel. Quando um cidadão educado de tal maneira se defrontar com a vida real, terá diante de si obstaculos sempre intransponiveis. Entretanto a vida precisa ser vivida.

VIII

CULTIVEMOS O SOLO

Para que a escola atenda aos seus fins praticos, indispensavel se torna que promovamos não somente a alfabetização mas ainda a educação das crianças que a procuram. E' preciso fazê-las compreender o dever civico relativo ao juri, ao imposto, ao voto, o dever de higiene pessoal e coletiva, que amenizará os efeitos das endemias reinantes.

Alfabetizar somente, sem imprimir ás crianças esse cunho particular de constituição moral e social e sem ministrar-lhes a preparação para um honesto meio de subsistencia, constitue perigo iminente á vida de uma nacionalidade desde que a inadaptação ao trabalho é porta aberta á ociosidade e ao crime.

Quem houver observado a emigração das zonas agricolas para as cidades, compreenderá a necessidade de fixar-se o homem ao solo. Para isso, os fatôres da civilização e do progresso precisam atingir áquelas zonas.

O Rio Grande do Norte se não é um Estado essencialmente agricola em razão das sêcas periodicas que tanto o afligem, nem por isso vem a ser uma região onde não possa medrar a agricultura e a criação do gado.

Afeito ao labor diario, o homem do interior, apezar de todas as vicissitudes, é portador dos mais nobres sentimentos e bem merece o nosso carinho e a nossa admiração. Cumpre-nos ir ao seu encontro e auxiliá-lo· O pon-

to de partida para esse auxilio está na escola primaria rural. Em bôa hora a educação no Estado se inclina á preparação dos filhos de nossos modestos lavradores para o exercicio mais racional da cultura do solo. Conhecimentos agrarios ser-lhes-ão em breve ministrados em colaboração com os tecnicos de agricultura ou agronomos, nas escolas rurais em que estão sendo transformadas varias das nossas atuais escolas isoladas.

Convençamo-nos de que é da escola que emanam todos os surtos de progresso. A ela confiaremos mais uma tarefa ingente qual seja a de incentivar o amor ao solo e o desenvolvimento da vida rural em moldes mais condizentes com a civilização moderna.

IX

A PREPARAÇÃO DAS LIÇÕES

Alexandre Bain afirma que a instrução em seu estado inicial deve ser limitada e completa; a instrução mais vasta virá depois.

Nos dias que decorrem, a instrução, quer dos principiantes, quer dos que frequentam cursos primarios mais adiantados, é sempre muito falha. Alguns responsabilizam o plano de ensino por esse insucesso, outro o atribuem aos metodos empregados.

Observamos atualmente que os alunos não sabem estudar. Nas escolas primarias aprendem pelas simples explicações do preceptor que se esmera para ser entendido. Quando frequentam os cursos mais adiantados, confiam extremamente nas explicações do professor fugindo assim da oportunidade que se lhes oferecem para aprender nos proprios livros. Alguns não o fazem porque não sabem estudar e limitam sua atividade á decoração sistematica das paginas da lição. Estudar é lêr observando, assimilando, raciocinando, concluindo, capacitando-se intelectualmente do assunto. Uma lição assim estudada é uma lição que passará a fazer parte da vida mental do estudante; é uma lição que dificilmente será esquecida.

Na aquisição dos conhecimentos ha o programa organizado dentro de um plano racional, logico, em que as lições subsequentes se assentam nas anteriores. Ora, se as primeiras não forem bem preparadas, se o estudante não

venceu com alguma vantagem as lições mais faceis, como poderá assimilar as que lhe são posteriores e que dependem, muitas vezes, das primeiras ? Como estabelecer a indispensavel associação de idéias entre umas e outras ? Eis o mal quasi generalizado entre os estudantes.

Uma lição mal preparada, antes de auxiliar as demais lições futuras, concorrerá, para maior dificuldade dos pontos mais complexos. E nessa marcha imperfeita o estudante chegará ao termo de um ano letivo sem colher os frutos opimos da escola, entediando-se dos livros que se lhe afiguram objéto de martirio, de sacrificio mental, quando em caso diverso estaria inclinado ao prazer intelectual do estudo, á satisfação de si mesmo ao sentir o valor indiscutivel das fôrças da inteligencia, a incomparavel alegria de quem encontra no pensamento a bussola que norteia a vida mental, a razão de ser da educação da inteligencia.

Sem metodo de estudo a escola é cárcere para o espirito; com ele, é fonte de sabedoria, de prazer intelectual.

X

A FORMAÇÃO DO CARATER

Ha, infelizmente, uma série de preconceitos entre pais e professores que necessitam esclarecimentos.

As antigas teorias de educação atribuiam ás fôrças da hereditariedade vicios, defeitos de carater, o insucesso enfim das crianças que se mostravam turbulentas, nervosas, inadaptaveis ao estudo.

Tudo evolue, porem, e não seria a ciência da educação que tivesse de pagar o pesado tributo de um estacionamento ou involução, maximé no "seculo da criança", como, sugestivamente, educador notabilissimo apelidou o seculo em que vivemos.

Estão por terra, banidas pela natural lei da evolução, totalmente vencidas, as teorias classicas e os arcaicos preceitos educativos.

A ortofrenía descortinou horizontes novos nos dominios da educação e evidencia-nos que as tendencias morais e intelectuais são perfeitamente modificaveis e a base do carater individual está na formação da primeira infancia, como na segunda, sob as influencias de ordem psico-afetivas que sobressaem na familia. E' a teoria predominante e vitoriosa, em virtude da qual podemos prevêr logo naquela idade as determinantes do futuro carater.

Os trabalhos de orientação pertencem ao dominio da higiene mental cujas noções se nos afiguram indispensaveis aos pais e educadores.

A idade pré-escolar é, por esse motivo, a idade que exige atenção especial; é nessa fase que se vão formando os primeiros nucleos do carater. A alma infantil é então material plastico, essencialmente maleavel. E' a idade apropriada ao esboço da personalidade. Depois tudo será dificil e essa dificuldade aumentará em razão crescente. Esta importante fase da vida infantil está confiada aos jardins de infancia, ambiente intermediario entre o lar e a escola propriamente dita, onde se trata especialmente da educação sob todos os seus multiplos aspectos.

Pais e mestres têm sôbre os ombros a imensuravel responsabilidade da formação mental de seres que não lhes pertencem porque são parcelas da sociedade que nos vai suceder. Daí a necessidade de serem preparados de maneira a preencher com plenitude os fins da vida social que se prenuncia mais exigente e mais dificil.

XI

A ARTE DE ENSINAR

A leitura na escola primaria tem-se tornado nas classes de iniciação, um mecanismo de frases feitas e, nas classes elementares, uma repetição automatica das palavras do texto, sem nenhuma participação intelectual.

Será o metodo da leitura responsavel por esse notavel insucesso ?

Acreditamos que não é o metodo e sim a aplicação do metodo a causa determinante dessa imperfeição.

Apoiados na lei do minimo esforço, os escolares se decidem á simplificação do trabalho, muito embora daí provenha a sua incapacidade intelectual manifesta e insofismavel.

O metodo seguido pela escola ativa remove tal inconveniencia porque faz despertar no aluno vivo interêsse pela aprendizagem.

O automatismo na linguagm desvaloriza os exercicios promovidos e anula o trabalho do professor porque desvirtua os principios de ensino e o torna ineficiente.

O exercicio de composição, por exemplo, que por si mesmo é a resultante do nivel de cada inteligencia, torna-se inexpressivo, falho, absolutamente falho; não ha idéias e apenas um aglomerado de palavras sem nexo enche, ás vezes, as paginas do caderno a ele destinado.

Para um trabalho util será preciso que o aluno saiba pensar e possa disciplinar o pensamento, sobordiná-lo ao

tema do exercicio; será preciso o discernimento do assunto formulado.

Para um bom exercicio de composição será indispensavel esforço mental, certa elaboração de pensamento e em seguida então o trabalho de fixação no papel.

Os metodos de leitura são o produto de investigações cientificas; são bons e oferecerão frutos excelentes se forem aplicados com a necessaria perfeição. Em caso contrario, originarão resultados negativos.

E' o professor que, no desenvolvimento do metodo, preenche as lacunas verificadas no espirito dos escolares, supre as deficiencias do momento, anima os exercicios, encaminha a inteligencia para que obtenha os resultados previstos. O professor necessita desenvolver a habilidade propria de cada educando, usando meios não preestabelecidos nas leis da pedagogia porem ditados pela experiencia, surgidos dentre o tato particular de quem se integra com a missão que devotadamente e denodadamente abraça. E' a esse complexo que se denomina "arte de ensinar".

XII

A DEBILIDADE ORGANICA DOS ESCOLARES

"Crianças problemas" chamam os cientistas áquelas que outrora eram denominadas "anormais".

Para indicar, porem, todos os casos de desajustamento das crianças no lar ou na escola, o vocabulo "anormais" é realmente pejorativo. Muito embora alguns cientistas empreguem a locução para denominar os portadores de anomalias fisicas, mentais, sociais ou morais, está ela reservada exclusivamente para a designação dos casos de desajustamento psico-sociais, que não atingem ao extremo das imperfeições fisicas ou mentais.

Pertencem ao dominio da higiene mental os meios preventivos e corretivos desse embaraço encontrado no problema educacional. Causas bem diversas influem poderosamente na solução de tais dificuldades. A situação da familia, a diversidade de religião, o pauperismo, as habitações inapropriadas, etc., são motivos de estudo e causas que determinam modificações de carater, de comportamento e falta de rendimento do trabalho escolar.

A' simples observação do educador perspicaz revela-se desde logo a diferença entre as crianças de meios pobres e as de outros meios, a que é deficientemente alimentada ou trabalha para auxiliar os pais e a que não sofre o efeito dessa inferioridade social.

Somos, infelizmente, um povo pobre. Os alunos das escolas publicas são, na sua maioria, filhos de familias mais

ou menos numerosas e que não dispõem de meios que assegurem a subsistencia com plenitude. Ha pais que matriculam três e quatro filhos no grupo escolar e somente adquirem o livro de leitura na razão de um por semana, tal a exiguidade dos recursos de que dispõem. Em geral todos procuram a escola e manifestam desejo de receber instrução, mas o que produzirá a inteligencia quando o fisico se encontra fatigado em consequencia de um trabalho forçado? O que poderá fazer a criança cuja alimentação não lhe fornece as calorias indispensaveis ao equilibrio vital?

A êsses **deficits** precisamos ajuntar varios outros bem conhecidos e que nos evidenciam o pequeno indice do desenvolvimento intelectual dos nossos conterraneos. São eles a causa mais preponderante do pouco rendimento do nosso ensino, e da multiplicidade do comportamento escolar ou social.

O "copo de leite", a "sopa escolar" e tantos outros anexos postos em pratica por alguns Estados da Federação, têm, por essa razão, o seu valor incontestavel. Com eles a escola tem por fim contribuir para a redução de uma das causas que determinam a baixa do rendimento escolar — a debilidade organica.

XIII

A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Um dos conceitos da palavra "educação" resume-se na ação exercida pelos adultos sôbre as gerações novas, tendo por fim suscitar e desenvolver-lhes certos estados fisicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade e pelo meio em particular onde elas têm de vivêr. Daí se conclue que a educação consiste numa socialização metodica das crianças, no seu ajustamento na sociedade.

Notavel cientista brasileiro afirmou-nos, certa vez, verdade incontestavel quando nos disse que a nação tinha apenas um problema a resolver — a educação dos seus filhos. Efetivamente só a educação integral, sistematica, nos seus multiplos aspectos, será capaz de promover a transformação de um grande povo em um povo ainda maior, mais forte e de melhores possibilidades.

Ora, se o meio social vai exigir do individuo uma atividade qualquer na esfera das atividades humanas — profissão ou oficio — é claro que na solução do problema educativo não se deve esquecer a orientação para a escolha dessa atividade.

Uma profissão é uma atitude continuada e com um fim determinado; é o trabalho produtivo que por si só constitue fatôr de importancia, relevante na formação integral do homem e nos destinos de uma nacionalidade.

Pais e mestres, cada qual na esfera de ação que lhe pertence, necessitam descobrir nos filhos ou alunos, o

germens do talento e despertar-lhe a capacidade especial para o exercicio de certa profissão. E' êsse o fim utilitario da educação.

A pedagogia nova não esqueceu esta face importantissima da preparação do homem para a vida. E' assim que promove desde cêdo a seleção das aptidões de cada escolar, quer no que se prende ás profissões chamadas liberais, quer no que se refere ás carreiras que exigem estudos especiais em escolas superiores ou universidades.

A orientação vocacional é, sob o ponto de vista sociologico, a base indispensavel ao bem-estar individual e á grandeza da coletividade.

Se bem que somente na adolescência os jovens se resolvam á escolha de uma profissão, é indispensavel que o lar e a escola, desde a segunda infancia, promovam o despertar da inclinação natural para o exercicio da vida pratica, iniciem os metodos recomendados para estimular nos educandos á escolha da profissão. Desde cêdo essa idéia precisa fazer parte do plano educativo da escola e do lar.

XIV

O BOM HUMOR NA EDUCAÇÃO

Todos os que têm o dever de cuidar da educação precisam tomar a iniciativa de nunca se irritar com as crianças, seja qual for o comportamento por elas manifestado.

A teimosia, a inquietação, bem como todas as manifestações incorretas do carater infantil, são a resultante dos variados impulsos bem naturais na vida das crianças. Não se pode exigir delas uma atitude essencialmente passiva a todas as vontades, que aliás, seria contraria á evolução da personalidade independente, da vontade rija e dos sentimentos nobres. O bom comportamento reside na atividade que por si mesma é o indice do vigor mental e saude fisica.

Lembremo-nos de que os educandos precisam ter vontade propria e raciocinio desenvolvido. Para isso, ao tentarmos a correção de qualquer falta, façamo-la com certa ponderação e de modo a contribuirmos para a elevação dos sentimentos e para o alcance do dominio proprio.

As crianças educadas por pessoas calmas, no lar e na escola que não se irritam com elas, chegarão á adolescencia com o senso do controle proprio. A calma e a ponderação se infiltram na alma infantil através da ação do educador e desempenham importante papel no comportamento das crianças. Serão contraproducentes as manifestações de raiva ou qualquer emoção violenta, mostrar-se irritado por qualquer modo, mesmo através da voz.

Nos momentos em que a criança se manifesta irascivel, nada conseguirá o educador dizendo-lhe que deve modificar-se e, muito menos ameaçando-a com castigos fisicos. Com estes, sobretudo, teremos favorecido a irritação e despertado a revolta de quem já se encontra encolerizado, sem contrôle. Deixá-la só por alguns minutos, para reagir depois, quando o impulso houver cedido um pouco e a reflexão puder levá-la a compreender as consequencias da atitude errada, é conselho prudente de educadores notaveis.

O educador, pai ou mestre, terá em vista que o seu dever consiste em corrigir o mal sem contudo humilhar a criança. E no ato da correção envidará todo o esforço afim de oferecer-lhe oportunidade para o necessario estimulo das forças do carater, que definem a nobreza de uma personalidade.

XV

CRIANÇAS PREGUIÇOSAS

E' comum ouvir-se dizer que uma criança é preguiçosa. Contra ela são levantados os comentarios mais variados e até mesmo deprimentes. A preguiça é, pois, certo indice de inferioridade moral ou social, que diminue o seu portador.

O preguiçoso, entretanto, é vitima de um estado morbido ou de uma tendencia exagerada para as distrações ou fantasias. Raros pais e mestres investigam a sua causa antes de lançar sobre a criança esse qualificativo desdenhoso cuja acepção comum é **inadaptado ao trabalho, apatico, incapaz de algo produzir, desencorajado.**

Observando, porem, as causas determinantes da preguiça, chegamos á evidencia de que o preguiçoso nem sempre é um máu e sim um doente. Os portadores dessa anomalia tornam-se credores de um tratamento clinico, higienico ou pedagogico.

A carencia alimentar, por exemplo, é causa mui frequente da preguiça nas crianças. Faltando-lhe a capacidade para executar as tarefas impostas, o menino procura a defesa natural, deixa-se ficar na passividade. Quando a má nutrição é corrigida, a criança preguiçosa torna-se ativa, perseverante, interessada nos trabalhos que tem de realizar.

Investigações cientificas levadas a efeito desde varios anos evidenciam-nos que a falta de equilibrio das glandu-

las endocrinas originam certas transformações no comportamento dos meninos. Assim é que, se a glandula tiroide, por exemplo, não se manifesta bastante ativa na sua função, a criança se demonstra indolente, desidiosa no cumprimento dos deveres. Nos proprios jogos infantis, ela se apresenta com atividade tardia e sem interêsse.

A verminose e o impaludismo, de que são portadores grande parte dos habitantes do litoral do nosso Estado, são outros motivos de indolencia.

Aos pais e educadores cumpre o dever de usar benevolencia para com esses meninos aparentemente preguiçosos, porem, na realidade, portadores de molestias ou insuficiências organicas, debilidade. Cumpre aplicar-lhes um corretivo aos males que os afligem, proporcionando-lhes o tratamento clinico, higienico ou pedagogico, recomendavel a cada um dos casos em particular. Ter-se-á, desse modo, contribuido para reduzir o numero bem avultado de crianças preguiçosas. Convem notar que, se não ha doença tambem não haverá preguiça e as manifestações de indolencia na escola são uma consequencia da falta de interêsse pelas lições, facilmente corrigido pelo mestre tornando o ensino atraente.

XVI

OS CASTIGOS FISICOS

Os que se têm dedicado ao estudo da criança e da sua educação prescrevem diversos sistemas disciplinares. Cada um dos adeptos justifica a razão de ser da teoria que aceita.

Dentre todos os sistemas disciplinares, entretanto, o dos castigos fisicos, se bem que possa contar com certo numero de simpatizantes, tem sido objéto de oposição dos maiores pedagogistas contemporaneos.

Em nosso tirocinio escolar encontrámos alguns pais que solicitavam a fineza de castigar o filho com bôlos de palmatória, prisões, puxões de orelha, etc. Um deles chegou a confessar-nos que somente acreditava que o filho "tomasse termo de homem" se fosse castigado frequentemente com bôlos e surras, porque era **incorrigivel.**

A criança castigada fisicamente modifica, é certo, o seu comportamento moderando-se ou mesmo corrigindo-se. Será, porem, essa nova atitude o efeito da educação recebida dêsse modo ou a consequencia do pavor que o sofrimento lhe inspira ?

As experimentações nos têm evidenciado que o castigo fisico abate a moral, corrompe os sentimentos nobres, quando não inspira a revolta. Fisiologicamente ele promove disturbios muito acentuados. A excitação dos gluteos, determinada pelas palmadas que tão frequentemente são aplicadas nas crianças, produz tão acentuada influ-

encia fisiologica que póde ocasionar serissimas perturbações nas funções mais elevadas da especie humana. O choque violento produzido pelos "bôlos" é bastante para determinar excitações nervosas quando se trata de meninos doceis ou timidos. Algumas vezes o castigo fisico inspira e alimenta a revolta da criança, quando não a torna insensivel ás dôres fisicas ou morais; daí nos vêm as razões alegadas por alguns pais de que os filhos não cedem ao imperio da fôrça moral; e nem poderiam fazê-lo desde que, habituados ao regimen depressivo, se tornaram incapazes de uma reflexão sôbre as maldades que praticam

O castigo fisico tem servido muito mais para irritar as crianças do que para fazê-las corrigir os seus erros. Somente as crianças estragadas pela frequencia das punições corporais não poderão ser corrigidas pelos sistemas de persuasão e conselho.

Levar a criança á reflexão das consequencias desfavoraveis de um erro que pratica, persuadí-la suasoriamente dos males decorrentes do erro, é o sistema recomendavel para o seu tratamento disciplinar.

Alguem me objetará que na primeira infancia as crianças não possuem ainda nenhum discernimento, nenhuma compreensão que torne possivel a pratica desse metodo. Efetivamente. Mas a verdade é que não só a palavra faz convencê-las da necessidade de modificar o seu comportamento. O menino que chora ou grita de maneira a irritar a mamãe, por exemplo, poderá ser deixado sozinho, dizendo-se-lhe que não se póde ficar ao lado de quem procede de tal modo; ou será colocado em uma outra sala, fazendo-se-lhe sentir que não é possivel deixá-lo entre as demais pessoas porque as incomoda. Repetido o processo calmamente e todas as vezes que o pimpolho se mostrar zangado, dentro em pouco a lição apresentará os resulta-

dos esperados; o menino compreenderá que não é possivel perturbar a vida dos que se encontram junto de si. Em todas as oportunidades esse metodo poderá ser usado com vantagem.

Felizmente os pais de hoje, em sua grande maioria, compreendem melhor o tratamento que devem dispensar aos filhos. Estão certos, provavelmente, de que a punição corporal é o maior inimigo da educação.

XVII

O HORARIO ESCOLAR

O horario de uma escola primaria é a previsão do tempo que pode ser empregado em cada lição. E' a metodização do trabalho mas não poderá, de nenhum modo, tornar-se inflexivel. Ao contrario dentro dos principios didaticos e obedecendo ao imperio das proprias conveniencias do serviço, o horario deve ser adaptado ás circunstancias ocasionais do momento.

A escola foi criada para ensinar e educar a criança e o professor é o especialista designado para esse fim; deverá, pois, orientar os seus atos com esse nobre objetivo.

Não queremos dizer que os horarios das escolas primarias possam ser colocados de lado e o trabalho escolar fique a mercê da vontade ou da conveniencia do mestre; não. Ao contrario. Ele deve ser adaptado á conveniencia do trabalho sem contudo ferir aos principios de uma bôa didatica. Se o professor encontra dificuldades tais que não sabe resolver-se em classe sobre essa ou aquela conveniencia escolar, é claro que não é bom didata.

Assim como a ciencia medica nos diz que em geral não ha doenças e sim doentes, podemos adiantar em pedagogia que não ha crianças inadaptaveis ao ensino e sim crianças inadaptadas. Mesmo os portadores de anomalias serão adaptados em escolas especiais.

O tempo do horario é dividido de modo que as lições não

se tornem fatigantes, porem a cada uma delas é reservado o tempo necessario ao seu exercicio e em proporção ao numero dos que formam a classe. Dentro deste plano geral, o professor habil, devotado pela causa do ensino como o são na sua grande maioria os que abraçam o magisterio, agirá com certa autonomia necessaria, aliás, a que se torne proveitoso o seu incessante esforço.

O proveito de uma escola depende, em grande parte, da atividade do mestre, de qualquer cousa particular que se denomina adaptação entre as crianças.

XVIII

O ABUSO DA MEMORIA

Dentre as faculdades da inteligencia, a memoria se destaca por sua grande importancia, mesmo porque abrange um vasto dominio. Ela implica na reprodução da esperiencia anterior incorporada á personalidade. Desempenha importante função na percepção das cousas que nos cercam. E' uma faculdade intelectual que se organiza lentamente, do imediato, para o mediato, da simples mecanização para a ordem logica superior. Em seguida a um reconhecimento a memoria manifesta-se através das lembranças.

Os nossos escolares costumam abusar com excesso aterrador dessa importante capacidade mental. Na preparação das lições desprezam os processos racionais para se aferar aos sistemas mnemonicos, seja por questões de habito, seja por acentuada simpatia á lei do minimo esforço. A verdade é que se prejudicam consideravelmente.

Um jovem que tem o encargo de um teorema de geometria demonstra-o com memorização em todo o esplendor da sua pureza. E assim agem com relação ás demais disciplinas.

Não é preciso ser psicologo para chegar-se á evidencia do grande mal decorrente desse habito enraizado entre os estudantes. O abuso dessa importante faculdade intelectual ocasiona fadiga tão consideravel que póde determinar a incapacidade para as minimas lembranças.

Fazer colaborar todas as forças mentais na aprendizegem, tal como o fazemos nos atos comuns da vida, é principio de boa orientação nos trabalhos da inteligencia.

A má escola, os máus livros, a falta de gosto pelo estudo, a falta de aparelhagem didatica, são, além, de outras, os responsaveis diretos pelo abuso dessa importante faculdade intelectual.

Um combate intenso, forte, decisivo, constante, devem fazer pais e mestres no sentido de serem levados os escolares ao estudo racional, em que possam colaborar todas as faculdades mentais, simultaneamente, sem o sacrificio de nenhuma delas.

Ter-se-á, desse modo, evitado o habito da memorização. Vale mais prevenir do que corrigir.

XIX

OS PROGRAMAS ESCOLARES

Nas escolas primarias o programa representa o plano das lições que deverão ser ministradas. Sua organização obedece a principios didaticos sumamente conhecidos e que devem ser observados pelo regente da classe ou escola.

Antigamente acreditava-se que o programa, sendo um plano estabelecido, não podia deixar de ser cumprido rigorosamente. Se uma lição estava no programa e chegava a sua vez na ordem cronologica, tinha de ser ministrada. Hoje, porem, está evidenciado que não se póde admitir a inflexibilidade dos programas de ensino primario.

A escola é feita para os alunos. Os programas devem ser cumpridos efetivamente, porém, não mecanicamente.

Um dos principios didaticos referentes aos programas consiste na seriação das materias e em ser delineado para a altura da capacidade intelectual da classe a que deve servir. O programa é geral, uniforme, e por isso não poderá, já se vê, corresponder á capacidade de todos os escolares agrupados na mesma classe.

Eis o motivo pelo qual a escola de nossos dias segue o sistema dos "centros de interêsse" que se resume em desenvolver as lições em torno de um assunto tomado por base. E' em torno desse centro de interêsse que giram toda as lições — linguagem oral, linguagem escrita, lingua-

gem grafica (desenho), calculo, etc. Ter-se-á desse modo, um ensino efetivamente educativo. Sem esse objetivo é falho o ensino primario.

XX

A INFLUENCIA DA MUSICA NA ESCOLA

Herbert Spencer achava que a musica devia ser incluida dentre as disciplinas escolares que se destinavam ao repouso do espirito.

Platão, que observou profundamente os caractéres, dizia-nos que um povo é largamente influenciado nos sentimentos e na conduta pelas melodias e canções que ouve e produz. Por esse motivo o grande filosofo aconselhava-nos um lugar especial para a musica no plano de educação.

Há, porém, quem julgue o canto nas escolas um mero passa-tempo ou recreio, perfeitamente dispensavel. A sua influencia, entretanto, na emoção, no temperamento e no carater dos jovens é sumamente importante. Já foi demonstrado que os ritmos, os acordes e as melodias despertam reações bem consideraveis nos ouvintes. Se é fóra de contestação que "as realizações da vida nascem no coração", o sentimentalismo exerce poderosa influencia no comportamento do cidadão. Qual será o efeito da musica na escola e no lar senão orientar o sentimento? Se determinada musica sugere no cidadão a coragem para lutar nos campos de batalha, se uma outra alegra e traz impressões mentais que deleitam, está evidente o seu valor educativo. Quem negará a influencia encorajadora da musica marcial, que sacode a alma impulsionando-a para o arrebatamento patriotico? Quem negará por ventura, a emoção trazida pelo canto? Assim tambem não se poderá

negar a influencia que a musica pode exercer no temperamento da infancia. Eis a razão por que o canto é incluido dentre as disciplinas da escola primaria. Em se tratando de formar a mocidade, não seria logico esquecesse a escola tão poderoso auxiliar educativo. Com a musica a escola promove a elevação dos sentimentos nobres, desperta as bôas iniciativas, o prazer pela vida e o desejo de torná-la capaz de ser vivida. Tornar alegre a escola é objetivo secundário do canto, diante as vantagens educativas por ele apresentadas. A escola deve, pois, ensinar melodias, hinos e canções que incentivem o patriotismo dos alunos e possam contribuir para fortalecimento das virtudes morais e civicas.

XXI

A EDUCAÇÃO DO LAR

O lar poderá, realmente, colaborar na educação dos filhos ?

Os que nos têm conferido a honra de perder alguns minutos passando a vista por estas considerações, objetarão que nem sempre é possivel aos pais acompanhar os filhos em todos os seus passos. As senhoras mães de familia têm afazeres constantes, mesmo dentro do lar, os quais, a despeito do amôr aos filhos e do anseio ardente de torná-los felizes, não lhes permitem o tempo necessário á vigilancia, tão assidua quanto exigem os rebentos dilétos do casal. Os pais, entregues ao labor da profissão, deixam o lar, praticamente, ás 7 horas e poucos minutos para retornarem ás 17 e tanto; encontram-se impossibilitados, portanto, de maior interferência na educação dos filhos.

Seria paradoxal que não tivessem eles oportunidade para colaborar na educação de seus proprios filhos, desde que possuem a ascendência, as fôrças do coração, os vinculos da consanguinidade, tudo quanto lhes permite influenciar na formação moral, fisica e social da infancia. As mães de familia, que são por sua vez escrinio de virtudes cristãs e sociais e tesouro de bondade, aféto e carinho, poderão agir, pronta e eficazmente, em todos os casos de formação dos habitos e de orientação das atitudes juvenís. Não queremos dizer que elas possam fazer tanto no

que se refere á educação intelectual, que por si mesma reclama especialização, aparelhagem, estudo e metodo de ação, mas em linhas gerais a educação do lar deve caber unica e exclusivamente aos progenitores. E' mistér somente que, em se convencendo desta grande verdade, se disponham á pratica dos metodos educativos com o interêsse que esta importante função exige. Um modesto tratado de educação, unido ás noções usuais da higiene, completa os conhecimentos de puericultura tornando as mães aptas para a orientação dos filhos, até mesmo na puberdade. O tratado de educação tomará lugar junto ao receituário de bôlos e crêmes, do romance e do figurino. Acreditamos que êles se possam unir perfeitamente sem o conflito muito comum entre as idéias antagonicas.

Os pais que, habitualmente, retornam ao lar após não pequenas fadigas do intenso labor diario, com a mente engolfada nas preocupações do comercio ou com a idéia fixa no importante caso que precisam resolver sem perda de tempo, devem encontrar prazer indefinivel no convivio com os filhos. Acreditamos até que os incidentes do lar, nascidos do espirito desembaraçado do pimpolho que se mostra burlado nos seus direitos de pequeno cidadão, pela fôrça ou pela razão do mais esperto e ativo, possam constituir objéto de atenção, de prazer e de interêsse para o cidadão, mesmo cansado das lutas quotidianas.

A sorte dos filhos toca muito de perto ao coração dos pais. E' por isso mesmo que são êles os educadores por excelencia. As noticias do radio, as anedotas educativas, os proprios incidentes familiares desenrolados ao sabor da casualidade, serão suficientes para suscitar a interferência dos pais de familia para a educação. Ademais, a educação, na familia, é mais prática do que teorica; é mais do sentimento e do amôr do que da ciência e da arte. E a ne-

nhum artista será dado suprir, com eficiência, a falta dos educadores espontaneos. Os pais são os maiores amigos de seus proprios filhos e dispõem da melhor aparelhagem necessaria ao bom termo de tão ingente mistér — o coração.

XXII

A MENTIRA DAS CRIANÇAS

Nenhuma das qualidades que bem recomendam o cidadão tem maior influencia no carater do que o culto da verdade.

A mentira é um habito adquirido na infancia. Para esse vicio concorrem os defeitos de educação do lar e da escola.

A negação é a mentira pela qual o menino oculta a verdade com o receio do castigo que espera lhe seja imposto.

Pela imitação, a criança adquire o habito da mentira de invenção. Esta ultima consiste na fantazia criada em mente com o fim de mostrar-se importante, com merecimento acima dos companheiros, etc. E' muito comum no inicio da puberdade, sobretudo no sexo masculino, quando o menino procura salientar-se dentre os demais do seu grupo.

De efeitos morais e sociais muito desagradaveis, a mentira deve ser combatida, desde cêdo, pelos pais e pelos mestres. E não é dificil incutir-se na infancia o amôr á verdade. O exemplo, ainda nesse caso, é importante fator educativo. Nunca se deve faltar á verdade para com a criança, nem mesmo por brincadeira. Mostrar que lhe depositamos confiança é julgá-la incapaz de faltar á verdade, é incentivá-la a usar da franqueza em todas as ocasiões. Não lhe devemos ameaçar quando a encontramos

em falta, nem prometer-lhe premios que não sejam conferidos. Incutir-lhe a coragem e a noção da responsabilidade pelas faltas cometidas, ser para com ela um pouco indulgente quando mereça punição, é pratica indispensavel á rigidez do carater e utilissima no combate á mentira infantil. Quando tivermos necessidade de fazer-lhe alguma observação sobre atos censuraveis não procuremos diminuir-lhe a personalidade e busquemos oportunidade para estimulá-la ao culto da verdade. Exigir sempre, nesses casos, o firme propósito de corrigir-se. Na aplicação de qualquer castigo, tenhamos em vista, sobretudo, o principio da justiça que aliás, é muito aguçado na infancia, e não a deixemos sem compreender a grandeza da falta cometida, ou que tenha ensanchas para julgar-se vitima de uma injustiça.

A justiça, entre as crianças, é necessaria para que elas confiem na ação do educador, quer no lar, quer na escola.

XXIII

O CINEMA NA ESCOLA

Os melhores pedagogistas de hoje incluem o cinema dentre os mais aconselhaveis processos de ensino e de educação.

Efetivamente, a tela cinematografica presta-se maravilhosamente á concretização de todas as lições e constitue excelente meio de incutir nas crianças os bons ou máus habitos. Tudo dependerá da orientação que se imprimir ao filme.

As fitas naturais, sobretudo, versando sobre assuntos do meio local, são utilissimas na escola.

Colocamos de parte o cinema comum, em que nem sempre os assuntos e o desenrolar do drama filmado encerram fundamentos de moral pura; algumas vezes até, reproduz transes violentos e bruscos, licenciosidades de costumes, máus exemplos, enfim, aos olhos da juventude e que, por isso mesmo, deve ser evitado em absoluto.

Interessa-nos o cinema educativo, tambem denominado cinema escolar, que assume o aspecto de ilustração nas lições ministradas. E' este o cinema que a pedagogia prescreve e recomenda. Todas as lições podem utilizar, com vantagem, esse importante processo.

A tela cinematografica oferece a impressão muito perfeita do movimento real e, por isso mesmo, interessa vivamente a todos os sentidos. E' o material didatico aconselhado com vantagem para as escolas primarias em

substituição ao processo diréto, que é o estudo diante da propria natureza.

Ao educador cumpre escolher a lição e organizá-la de acôrdo com o nivel da classe a que se propõe servir.

Ao lado dos fins instrutivos e ao mesmo tempo educativos do processo cinematografico, nele encontramos ainda o recreio para o espirito, através das fitas em que são reproduzidas comedias chistosas, que muito agradam á criançada.

O cinema, na escola, empresta uma particular vivacidade aos alunos, desperta-lhes o interesse real pelos fatos e contribue, até mesmo, para a disciplina, que tem o seu ponto de apoio na convivencia agradavel e nas lições interessantes.

Os senhores pais já tiveram oportunidade de observar a alegria da petizada diante das classicas "lanternas magicas" tão comuns entre as familias mais ou menos abastadas ? Eis em evidencia, o valor educativo do cinema escolar.

XXIV

A ESCOLA DE ONTEM E A ESCOLA DE HOJE

A escola é, por assim dizer, o retrato da sociedade a que serve.

Assim como a escola tradicional representa a sociedade dos dias de ontem, a escola moderna precisa corresponder ás aspirações dos nossos dias, renovando-se, imprimindo nova orientação ás atividades.

Ontem, aprendia-se decorando as lições que, somente mais tarde deviam ser utilizadas. Aprender significava aceitar e fixar os conhecimentos. O ensino consistia em doutrinação. O aluno bom era o aluno docil, aquele que melhor se adaptava á disciplina e ao processo livresco.

Acompanhando a evolução, a transformação que as ciências e as artes vêem imprimindo á humanidade através do tempo, a escola de hoje deve compreender a grandeza da responsabilidade que lhe é imposta em razão das proprias diretrizes do universo, deve adaptar-se á evolução que é uma das maiores fôrças da lei da vida.

Aprender já não é assimilar. O conceito do vocabulo modificou-se através do tempo e a sociedade imprimiu novos rumos aos fins da educação. Aprender significa hoje integrar-se no ambiente, adquirir habilidade, e educar se resume no dominio de si mesmo, na elevação das fôrças necessarias para resolver os problemas sociais e humanos. Aprender significa aquisição do modo de agir

ensaio para uma determinada habilidade. E' um processo ativo.

A escola de hoje precisa oferecer oportunidade para as verdadeiras condições do ato de aprender, necessita proporcionar melhores e mais adequados meios para a realização da personalidade dentro do ciclo social onde vivemos. O estudo deve ser então, o esforço para resolver um problema ou executar um projéto, e ensinar é guiar o aluno na sua atividade, é oferecer-lhe os recursos que a experiência humana já forneceu para facilitar a marcha do progresso.

Como poderá, então, atingir a essa finalidade uma escola que não seja, realmente, de vida, de experimentação e de atividade ?

A tecnica do ensino deve acompanhar **pari passo** a evolução social. Somente assim a escola atingirá os seus elevados designios de alavanca do progresso, esteio da sociedade.

XXV

PRINCIPAIS FASES DA VIDA INFANTIL

Chegando á evidenncia de que a vida intelectual liga-se mui estreitamente á vida fisica, os educadores começaram a preocupar-se com a relação entre elas.

A psicologia oferece-nos diversas classificações do desenvolvimento fisico em comparação com o desenvolvimento intelectual.

De 0 a 2 anos, mais ou menos, a criança atravessa uma fase que vai desde a passividade absoluta, em que somente a impressiona o interêsse instintivo, do alimento, aos movimentos ainda que rudimentares. A vida intelectual é quasi embrionaria e toda a natureza tende á evolução fisica. O crescimento é ativo, rapido, e o organismo reclama, por isso mesmo, mais calorias, o que quer dizer, melhor e mais adequada alimentação. E' a fase denominada "primeira infancia", na qual predomina a vida vegetativa.

Na segunda fase, de 2 a 7 anos, conhecida por "infancia média", caracterizada por uma sensivel diminuição do crescimento, a criança desperta para o mundo exterior. E' o início da vida intelectual através da linguagem que aparece e evolue em progressão crescente. Com ela surge o interêsse pelo brinquêdo. através dos quais se promove a educação sensorial. E' a idade mais recomendavel para a atividade pré-escolar confiada aos jardins de infancia.

A terceira fase é a da "grande infancia". Começa aos 7 anos. Caracterizada fisicamente por um acentuado desenvolvimento das pernas em relação ao tronco, coincide com a de ampla evolução psiquica. A criança exprime os desejos pela linguagem, aparece o interêsse por tudo o que a cerca, procura saber a causa de tudo o que atinge os sentidos; é a fase das perguntas, a mais importante sob o ponto de vista sensorial e, por isso mesmo, é a mais apropriada ao início da escola propriamente dita.

Até então a vida da criança é mais passiva do que ativa. Com o aparecimento desta ultima fase a vida infantil torna-se ativa; é quando se diferenciam as preferencias de acôrdo com o sexo: o menino interessa-se pela vida e pelo trabalho do sexo forte, enquanto a menina se inclina aos labores domesticos, aos arranjos da casa, etc.

Enquanto as duas primeiras fases preocupam mais intensamente a atenção dos higienistas, a ultima impressiona mais vivamente aos educadores, porque é a idade apropriada á instrução elementar e á educação escolar.

Os pais acompanham os filhos muito de perto durante as duas primeiras fases e fornecem aos higienistas todos os dados requeridos em favor da saude fisica e mental das crianças; é franca e muito ampla a colaboração da familia durante êsse tempo.

Quando, porem, os rebentos da familia se iniciam na terceira dessas fases, naquela em que desabrocham os sentidos para o mundo exterior, em que a vida da criança assume um aspecto positivamente ativo, ha um extremo e absoluto desinterêsse dos pais no que se refere á sorte dos meninos. Confiam todo o restante dêsse importante trabalho de formação da infancia, á escola, exclusivamente ao mestre primario. A escola sente, então, sôbre os om-

bros, o peso de uma responsabilidade bem maior do que seria desejavel. O professor tem que agir sozinho, isoladamente, contra um sem numero de obstaculos que deve remover sem delongas, impreterivelmente.

Será recomendavel essa atitude ? Contribuirão, desse modo, para a felicidade dos filhos ?

Convenhamos que é de suma importancia para a felicidade da familia a colaboração dos pais na tarefa do professor.

XXVI

O JARDIM DE INFANCIA

A sorte das crianças de quatro a seis anos de idade absorveu os cuidados de Froebel.

Com a fundação dos Jardins de Infancia desejava êsse notavel pedagogista resolver o problema da educação pré-primaria. O elevado espirito de filantropia levou-o a dedicar-se inteiramente á sorte dos pequeninos sêres ainda em idade inferior á da escola propriamente dita.

Até então, a pedagogia não se preocupava com os meninos antes da idade escolar. Hoje, porém, está fóra de dúvida que a educação deve começar desde os primeiros dias do nascimento, embora nessa idade se processe indiretamente. Na segunda infancia é que as impressões das crianças são mais duradouras. Por isso é que a pedagogia recomenda o início da educação sensorial desde os três anos de idade.

Os jogos educativos preconizados por Froebel e Montessori constituem a chave do espirito. O Jardim da Infancia é a instituição em que a criança se desenvolve espontaneamente, por metodo concreto, intuitivo, experimental, em perfeita harmonia com as suas necessidades de agir, de mover-se, de compreender, de construir, na plena expansão da sua atividade lúdica.

No Jardim de Infancia ensina-se brincando, isto é, por meio de jogos pelos quais a criança vai disciplinando o espirito, formando a personalidade e construindo o carater.

E' preciso que ela se vá inteirando suavemente do valor da vida mental e nela faça repousar a esperança do futuro, que lhe será tanto mais promissor, tão pleno de surpresas confortadoras, quanto melhor tiver sido o surto de evolução intelectual nessa primeira fase de atividade mental.

Não nos parece tão facil superintender e orientar a educação dos meninos na segunda infancia. E' mistér elevada capacidade profissional, de par com a especial habilidade de conduzir as tenras flôrezinhas da especie humana, de maneira que não lhes seja maculada a pelucia delicada da alma embrionaria.

Poderão os leigos julgar muito facil promover-se a educação. Na realidade, porém, ha tanto o que fazer, ha minudências tão delicadas e tão dificeis de pôr em prática, que não atingiremos ao exagero afirmando que nem todos os que a promovem nasceram com a sublime inclinação para exercê-la.

A arte, aliada ao zêlo no desempenho da profissão, suprirá as lacunas determinadas pela ausência da vocação para o exercício de tão elevado ministério ?

XXVII

O ENSINO RURAL

A portaria n.º 103, do Diretor Geral do Departamento de Educação, permite que as escolas isoladas dos centros agricolas ministrem o ensino teorico-prático de agricultura.

Verdade é que não somos um Estado essencialmente agricola, em virtude da escassez da agua, determinada pelas constantes sêcas, mas tambem e pela mesma razão não podemos ser um Estado em que a pecuaria se desenvolva promissoramente e constitúa, por si só, um meio de subsistencia dos que procuram a vida do campo. Nem por isso, entretanto, o braço do homem se deixará quedar indiferente.

Os meios de defesa contra o flagelo da sêca teem base, em parte, na prosperidade da região. A açudagem, os poços, as estradas, produto do esforço público ou do sacrificio particular, favorecem a defesa contra o maior flagelo do nordeste.

Precisamos, no entanto, formar a mentalidade dos moços do interior, no sentido de ser levado a efeito um combate intenso á rotina, mostrando-se a vantagem da pratica moderna no aproveitamento do sólo. Tudo será uma consequência da educação, da mentalidade que presidir os destinos da gente laboriosa do nosso **hinterland**. Compreende-se que o menino do interior está mais apto á vida do campo do que a outra qualquer.

Incentivar a pratica da agricultura nos centros rurais é assunto ventilado e posto em pratica no sul do país, desde quando Alberto Torres tornou-se **leader** do ensino agricola no Brasil.

Embora vencendo dificuldades bem notaveis, referentes á falta dagua em determinadas zonas do Rio Grande do Norte, é evidente a importancia de uma tal orientação didatica pré-vocacional. Não nos parece em antagonismo com o ensino primario, a pratica de agricultura nos centros adequados a essa industria, sobretudo quando a escola dispõe de um técnico entusiasta. Um terreno ao lado da escola ou dela pouco distante, mesmo que não seja apropriado a varias culturas, poderá servir ás experiencias dos escolares e ao incentivo para que metodos modernos venham substituir a rotina ainda infelizmente enquistada entre os nossos pequenos lavradores.

E' do sólo que emana a riqueza de uma região Com essa certeza não ha que vacilar no plano educacional ora iniciado.

XXVIII

A INFLUÊNCIA DO AVÔ NA EDUCAÇÃO DOMESTICA

Na educação do lar os avós desempenham sempre um papel de relevancia.

E. Jones, notavel psicologista francês, atribue a complacencia dos avós, em relação ás travessuras dos nétos, á sua condição de "pais substitutos". Os avós, pela filosofia adquirida com a idade, modificam o sentimento de responsabilidade no que concerne á educação domestica.

Não raro se encontram pais sevéros transformados em avós dominados pela indulgência, cheios de uma ternura incomparavel.

O avô é sempre um cidadão idoso, debruçado sôbre o passado e que, sentindo a vida estreitar-se dia a dia, procura rever nos jovens e, sobretudo, nos nétos, a imagem da vida que viveu e que sente proxima de apagar-se.

Enquanto isto, não nos é extranha tambem a predileção dos nétos pelos avós. Tem ela sua razão de ser na compreensão natural a que as crianças se vêem obrigadas em razão do carinho que, frequentemente, lhes é dispensado por êles.

O que está fóra de dúvida é que a interferência dos avós na educação do lar origina embaraços de tal natureza que, não raro, oferecem consequencias prejudiciais, máu grado a bôa intenção que os inspira. Eles se constituem, involuntariamente, objéto de conflitos no plano educacional traçado pela familia onde se tornam figura cen-

tral e relevante. E' que a sua tolerancia origina constantes divergencias na pratica educativa, de tal modo que são tolhidos um sem numero de propositos do plano educacional traçado, irremediaveis alguns, de consequências nefastas outros tantos. A interdição do pimpolho com o fim de corrigir uma desobediencia, por exemplo, faz surgir imediatamente a interferencia do avô amenizando a falta, advogando o netinho culpado. Os pais transigem para não originar desgosto, para não contrariar a velhice credôra de especial consideração, embora excessivamente indulgente, reconhecendo, entretanto, que essas atitudes enchem os garôtos de vontades e de mimos incompativeis com a orientação que desejam imprimir á formação moral dos filhos.

O excésso de amôr aos filhos de seus filhos é um fenomeno psicologico. Tem sua razão de ser no ponto de vista sentimental. Para os avós, são naturais todas as peraltices dos netinhos que, por isso mesmo, devem ser amparados.

A sábia natureza, colocando a infancia ao lado da velhice, quiz, talvez, evidenciar a lei das compensações, porem dificulta efetivamente a pratica educacional.

Acreditamos, porem, que, dos complexos da educação domestica, o avô é dos menos nocivos. As atitudes contrarias aos desejos dos pais teem, sobretudo, o grande valor moral de incentivar na infancia a veneração e o amôr á velhice vencida ao peso dos anos de labor. As crianças tornarão, assim, extensivo aos velhinhos da cidade, o aféto cultivado no lar. Assim como o vôvô, a velhice é o simbolo da bondade. As crianças amam a velhice porque isto satisfaz plenamente os anseios do coração.

XXIX

A "GAZETA" A'S AULAS

Um dos serios problemas que muito preocupam os pais e os professores de externato é a "gazeta" ás aulas.

Recebida por muitos como uma manifestação de indisciplina ou maldade, na maioria dos casos, é um sintoma de desajustamento social.

São causas frequentes desses desajustamentos:

— Os defeitos disciplinares da escola antiga, na qual o professor aplica os castigos fisicos que inspiram mêdo ou revolta;

— A propria escola com a prática de regimens contrarios ao bom senso, na qual deixa de predominar a alegria e o carinho, escola que não apresenta um ambiente sadío;

— O desajustamento do lar em que se verifica a opressão ás crianças; o máu cinema; a leitura de aventuras ou histórias maravilhosas que exaltam a imaginação.

Algumas vezes a fuga das aulas vem associada a outros problemas de desajustamento, como a mentira, a vagabundagem, etc.

A' higiene mental cumpre a solução dos casos mais frequentes e que se relacionam com as taras psico-fisiologicas, cabendo aos educadores, pais ou mestres, a solução daqueles que se prendem exclusivamente aos defeitos de educação. Verdade é que, em um como em outro caso, a criança é vitima e merece o amparo da ciên-

tral e relevante. E' que a sua tolerancia origina constantes divergencias na pratica educativa, de tal modo que são tolhidos um sem numero de propositos do plano educacional traçado, irremediaveis alguns, de consequências nefastas outros tantos. A interdição do pimpolho com o fim de corrigir uma desobediencia, por exemplo, faz surgir imediatamente a interferencia do avô amenizando a falta, advogando o netinho culpado. Os pais transigem para não originar desgosto, para não contrariar a velhice credôra de especial consideração, embora excessivamente indulgente, reconhecendo, entretanto, que essas atitudes enchem os garôtos de vontades e de mimos incompativeis com a orientação que desejam imprimir á formação moral dos filhos.

O excésso de amôr aos filhos de seus filhos é um fenomeno psicologico. Tem sua razão de ser no ponto de vista sentimental. Para os avós, são naturais todas as peraltices dos netinhos que, por isso mesmo, devem ser amparados.

A sábia natureza, colocando a infancia ao lado da velhice, quiz, talvez, evidenciar a lei das compensações, porem dificulta efetivamente a pratica educacional.

Acreditamos, porem, que, dos complexos da educação domestica, o avô é dos menos nocivos. As atitudes contrarias aos desejos dos pais teem, sobretudo, o grande valor moral de incentivar na infancia a veneração e o amôr á velhice vencida ao peso dos anos de labor. As crianças tornarão, assim, extensivo aos velhinhos da cidade, o aféto cultivado no lar. Assim como o vôvô, a velhice é o simbolo da bondade. As crianças amam a velhice porque isto satisfaz plenamente os anseios do coração.

XXIX

A "GAZETA" A'S AULAS

Um dos serios problemas que muito preocupam os pais e os professores de externato é a "gazeta" ás aulas.

Recebida por muitos como uma manifestação de indisciplina ou maldade, na maioria dos casos, é um sintoma de desajustamento social.

São causas frequentes desses desajustamentos:

— Os defeitos disciplinares da escola antiga, na qual o professor aplica os castigos fisicos que inspiram mêdo ou revolta;

— A propria escola com a prática de regimens contrarios ao bom senso, na qual deixa de predominar a alegria e o carinho, escola que não apresenta um ambiente sadío;

— O desajustamento do lar em que se verifica a opressão ás crianças; o máu cinema; a leitura de aventuras ou histórias maravilhosas que exaltam a imaginação.

Algumas vezes a fuga das aulas vem associada a outros problemas de desajustamento, como a mentira, a vagabundagem, etc.

A' higiene mental cumpre a solução dos casos mais frequentes e que se relacionam com as taras psico-fisiologicas, cabendo aos educadores, pais ou mestres, a solução daqueles que se prendem exclusivamente aos defeitos de educação. Verdade é que, em um como em outro caso, a criança é vitima e merece o amparo da ciên-

cia e da escola; não prescinde da assistência clinica ou pedagogica, afim de ser corrigida.

A criança bem recebida no lar e na escola não tem desejo de fugir. O ambiente agradavel inspira-lhe confiança.

XXX

O DESENHO INFANTIL

Nem sempre a familia empresta ao desenho infantil o valor que êle realmente possue.

Colocando de parte o valor educativo do desenho na escola primaria e não esquecendo a sua importancia na linguagem, visto como representa a expressão grafica, devemos salientar o seu grande valor como instrumento de sondagem da personalidade da criança no que ela possue de mais intimo. E' êle o caminho seguro para se atingir aos complexos inconciêntes do ser infantil.

As garatujas repudiadas, quasi sempre, pela familia que nelas vê um brinquedo para o menino, um passatempo dos professores que, ao seu vêr, necessitam justificar o ordenado que recebem, são, ao envez, elementos basicos para os psicologistas estudarem e definirem as manifestações da alma infantil. Simples garatujas realmente, sem forma e sem sentido, como parecem, expressam vivamente o pensamento da criança.

A' psicologia interessa mais o desenho sem fórma, exercício dos sentidos, do que o trabalho completo e artistico, dos ornamentos e das paisagens. Quando a criança toma do lapis e do papel para desenhar, está animada do proposito de reproduzir alguma cousa da idéia: é o quanto basta aos educadores a quem não são indiferentes aqueles traços aparentemente inexpressivos. Não é, pois,

tão banal, como ordinariamente se presume, o desenho espontaneo, feito por uma criança.

O trabalho de educação resume-se na observação de um conjunto de pequenas coisas que, na realidade, oferecem os melhores e os mais importantes objétos de estudo e de investigação.

Nem sempre aos leigos é possivel julgar das minudências de certa e determinada profissão. Se confiamos na idoneidade do médico, por que duvidar das suas atitudes, por que vacilar em seguir as suas prescrições em favor do cliente sob os seus cuidados ? A responsabilidade do educador não estará, por ventura, no mesmo plano da responsabilidade do clinico ou do cirurgião ? Se assim é, por que afastar desses humildes servidores da nacionalidade a confiança de que são credores ?

XXXI

A FORMAÇÃO DO CARATER

Não é a formação do carater assunto que deixe de merecer atenção do educador.

O carater sofre modificações bem sensiveis diante dos metodos empregados. Samuel Smiles, com a sua primorosa coleção de livros sobre moral, influiu poderosamente na formação dos jovens do seu tempo.

Formar o carater consiste em torná-lo rijo, inflexivel diante dos vicios da sociedade.

Não é preciso somente que os jovens assimilem o bem e pratiquem a virtude. A educação do carater precisa ir mais alem. Consiste em solidificar na alma o habito da virtude de tal modo que o jovem tenha fôrça suficiente para reprimir o vicio e todas as tentativas do meio no sentido de abalar o que a escola e o lar construiram através das lições de moral e pelo exemplo edificante e nobre.

Não é preciso somente que o jovem pratique o bem; é mistér que saiba resistir ás inclinações para o mal.

Quando a criança pratica o bem, diz-se que tem bons sentimentos e sabe praticar a virtude; quando, porém, o jovem, resiste ao vicio e dele se afasta com superioridade, devemos dizer que tem grande poder de vontade, e ainda carater rijo, bem formado e bem alicerçado.

São varios os agentes contrários á fortaleza do carater. Entre os principais, lembramos o máu cinema, os

companheiros transviados, os máus livros, os máus exemplos da sociedade, as dansas em meios corrompidos, os bars frequentados por individuos viciados.

A lealdade, a justiça, a honestidade, a veracidade, são as principais manifestações de um carater forte. Cumpre ao lar e á escola cultivar essas grandes virtudes e solidificar, desde a infancia, o comportamento da criança, de maneira a torná-la capaz de, quando na adolescencia, vencer, por si só e com energia, as tentações dos meios corrutores e nefastos. Se faltar êsse cuidado, se o educador deixar de auxiliar a solidificação dêsse sentimento, poderemos ter um carater maleavel, que se influencía facilmente por qualquer agente extranho. O jovem perde a vontade e não sabe querer; é preciso que a mocidade saiba querer.

Adquirir o dominio de si proprio e ter energia suficiente para não se deixar engolfar no torvelinho das paixões e dos vicios, ser honesto e leal, é verdadeiramente, ser portador de um bom carater.

Aos pais e educadores cumpre, desde cêdo, cultivar êsses sentimentos, na infancia e consolidá-los na adolescência.

XXXII

CULTO AOS MORTOS

Edmundo de Amicis não teve companheiro, nem tao pouco sucedaneo, que tão bem expressasse a significação do culto aos mortos.

Dentre as homenagens que se tributam á humanidade nenhuma mais significativa, nenhuma mais justa, nenhuma que venha tocar mais de perto ao sentimento.

Cultuar os mortos é fazer renascer a gratidão que todos devemos aos que se foram para o além, após uma vida quasi sempre de provações pela felicidade das gerações que se sucedem.

E' bem justa a consagração universal do 2 de novembro.

Quantos são relembrados nesse dia, pais que sucumbiram por se haverem extenuado no trabalho para saciar a fome dos filhos pequeninos! Quantas mães não sentem ainda a dôr infinda da saudade cruciante e semiterna, do filho que era o arrimo ou a esperança única! Quantas mães que dormem na frieza dos tumulos, não sucumbiram prematuramente, extenuadas, por amôr do filhinho dos seus afétos, com estoicismo enternecedor!

Um sem numero de mártires da ciência constituem outra avalanche de sacrificados pela humanidade e dormem o sono derradeiro sob o gêlo das lápides funéreas, na solidão dos cemiterios, pomposos ou humildes, quabrada apenas pelo ciciar monótono dos ciprestes gementes.

Cultuar os mortos é render um preito de gratidão a toda essa coórte de herois anônimos.

Quem será que, no dia dos mortos, não tem, entre êles, um ente querido por quem desfolhar uma saudade e fazer uma prece? Nenhum talvez.

Um mestre carinhoso, um colega dedicado, um pai extremoso, uma avozinha plena de carinhos, relicário de bondade, eis, em resumo, os que povôam a morada eterna.

A moral nos ensina a reverencia e o respeito aos mortos. Mais ainda do que a moral fala-nos o coração que pulsa mais forte quando á lembrança, ressurge a memoria daqueles que cerraram os olhos para sempre, que se alaram para o incognoscivel.

O culto aos mortos, é, por isso mesmo, o maior e mais justo que se tem prestado á humanidade.

A escola, que é o templo onde se preparam os homens para a vida, não deve deixar de ensinar aos moços o respeito e a gratidão pelos mortos. Este sentimento precisa ser carinhosamente cultivado entre as almas pequeninas, no lar, na escola, onde quer que palpite um coração.

Pais extremosos e mestres devotados, ensinai ás crianças o respeito e a veneração aos tumulos. Não permití que, ao dobre de finados, ou ao encontro de um cortejo funebre, as crianças possam externar um pensamento que não seja o da saudade, possam sentir o que não seja respeito e veneração á memoria do ser que tombou para a eternidade.

Ensinai aos pequeninos o culto a essa imensa legião de desaparecidos, que sintetiza toda a grandeza da humanidade e da qual somos indeclinaveis legatários.

XXXIII

NOÇÃO DE INFERIORIDADE

Vez por outra encontramos cidadãos que se apoderam de um falso espirito de inferioridade.

A êsse fenomeno a psicologia denomina propriamente "complexo de inferioridade".

Consiste em imaginar o individuo que não é tão capaz quanto os demais que o cercam. Dessa imaginação, se torna fixa no sub-conciênte a noção de tal inferioridade, em virtude da qual o homem se deixa ficar de parte nas palestras, vencido nas discussões, tímido para as iniciativas, e céde o terreno, passivamente, diante de qualquer situação em que se depare com um concorrente.

Esse sentimento é o resultado da educação recebida. E' uma das consequências do castigo fisico, que abate a personalidade, bem como da teoria errônea, banida, felizmente, em nossos dias, de que as crianças não têm, sequer, o direito de falar em presênça "dos mais velhos".

Uma criança que ouve frequentemente repetir-se que é feia, desajeitada, fraca, desinteligente, menos capaz do que os companheiros, e outros tantos qualificativos desagradaveis, deixa-se dominar por essa impressão, chegando ela propria a sentir-se realmente incapaz, inferior, em consequência do que se fixou no subconciênte, que, nem por isso, deixa de produzir sérios e desastrosos efeitos na educação.

Ao envez disso, os jovens precisam ser estimulados

para os embates da vida, precisam convencer-se da verdade sobejamente conhecida que "tudo o que um homem faz outro homem póde fazer".

Depois de abatida a moral da criança com os habitos que a deprimem, dificilmente poderemos convencê-la de que ela se encontra em plano igual ao dos seus companheiros, porquanto o processo usado produziu os seus radicados efeitos na depressão da personalidade. Depois disso nada conseguirão os pais e mestres dizendo aos meninos que precisam ser corajosos, trabalhadores, ativos, diligentes, que são fortes, habeis, capazes de enfrentar e vencer as dificuldades que se lhes apresentarem.

As crianças precisam adquirir, desde tenra idade, uma perfeita idéia de si proprias, através da emulação em todos os seus atos, por meio de processos adequados e eficiêntes, na familia e na escola que é a sociedade em miniatura, onde elas ensaiam os passos para a vida real e coletiva.

XXXIV

ABRIR UMA ESCOLA E' FECHAR UM CARCERE

Li, certa vez, que a educação póde tudo.

O autor queria referir-se ao imenso poder da educação agindo para corrigir os males sociais.

Não nos resta a menor dúvida sôbre a potência mágica da educação, quando bem metodizada. E' daí que surge o incomparavel valor social do verdadeiro educador que, por si só, é capaz de operar transformações radicais no cidadão e na sociedade.

O que é preciso notar é que não somente os pais e os mestres são agentes educativos. A propria comunidade age em favor dela e recebe os seus efeitos, salutares ou nocivos. A sociedade em geral, as autoridades, atuam, diréta ou indiretamente, no comportamento e no sentimento dos jovens.

Um preceito de higiene nos assegura que no lar onde não penetra a higiene, impera a molestia. Ora, se a educação é a saúde da alma, poderemos dizer, pela mesma razão, que onde não penetra o agente educativo, domina o vicio e impéra o crime.

"Abrir uma escola é fechar um cárcere" é adagio conhecido, que se explica mui facilmente porque, sabemos todos, a deliquência é o resultado de uma educação defeituosa, falha, incompleta, que não atingiu aos seus elevados designios.

A delinquência da infancia merece atenção especial dos que são responsaveis pela formação do povo.

Quasi sempre a delinquência infantil é originada pelo efeito da hereditariedade e, assim sendo, está incluido no problema educacional limitar, sanar, extinguir tão grande mal.

Não ha povo culto que deixe de apresentar uma porcentagem reduzida de criminosos, provam-nos as cifras estatisticas que, na sizudez dos algarismos, falam a linguagem positiva de Arquimedes e Erastotenes.

Para reduzirem-se os defeitos sociais que tanto absorvem os policiais de todos os paises, como para diminuir os habitantes dos cárceres e das casas de correição, não ha remedio mais eficaz do que promover a educação do povo. Nos campos de **foot-ball**, nos cinemas, nos teatros, nas proprias arterias urbanas, em dias festivos ou durante as atividades ordinárias da vida comum, pode-se, com vantagem compensadora, promover a educação do povo, incutindo-lhe, diréta ou indiretamente, habitos de sã moral e de perfeita socialização. Verdade é que êsses habitos não poderão ser transformados em 24 horas; demandam trabalho, persistência, continuidade de ação; é dificil, é morôso trabalho, como dificeis e morósos são todos os empreendimentos sadíos e proveitosos.

Promovendo-se a transformação dos habitos do cidadão, serão transformados, consequentemente, os habitos de uma coletividade. Eis a solução mais rapida para obtermos a redução dos vicios, a extinção dos crimes, o que quer dizer, menor cifra dos habitantes dos cárceres e dos institutos correcionais, menor coeficiente dos renegados da sociedade.

Teremos, assim, contribuido para a felicidade de centenas de seres humanos e tranquilidade, se não absoluta, porem, efetivamente progressiva, do restante da população da vila ou cidade, estado ou país.

XXXV

O ATRAZO INTELECTUAL

Graças a uma nova teoria educacional está mudada a concepção de "atrazo intelectual".

Até pouco tempo era passivel de castigo o menino que não se revelava capaz de acompanhar os trabalhos dos colegas da mesma idade.

Hoje, porem, com o advento dos testes mentais, isso não acontecerá, pelo menos antes de terem sido realizados sucessivos estudos cientificos. Não é mais admissivel mesmo, que uma criança tenha de ser castigada pelo simples fato de não poder alcançar notas melhores ou iguais ás dos colegas de classe.

Acreditamos que alguns pais, ainda descrentes das teorias hodiernas, se declarem decepcionados com os filhos que não lograram alcançar na escola o plano imaginado e por êles julgado necessario, imprescindivel. Esse número reduz-se dia a dia porque nova mentalidade se vem formando entre pais e mestres.

E' preciso reconhecer-se que são multiplas e bem diversas as causas dessa diferenciação entre as crianças. A complexidade de funcionamento de cada faculdade da inteligência não nos permite diagnosticar, por simples observação empirica, o poder de cada uma e, com mais razão, o poder de todas, em conjunto.

O progresso da ciência nos evidéncía que não é possivel a todas as crianças desempenhar a mesma tarefa com

o mesmo gráu de eficiência, ou manifestar os mesmos caracteristicos de temperamento.

A teoria de que o poder da vontade é capaz de agir sôbre as faculdades intelectuais de modo a suprir as inadaptações ou as tendências contrarias a determinado objetivo, está totalmente banida diante das verdades ciêntificas já evidenciadas.

Ao demonstrar qualquer incapacidade de adaptação na escola ou em outra atividade, a criança deve ser levada á presença do médico especialista, ou do psico-pedagogista, que promoverá os meios necessarios ao esclarecimento da causa e indicará, em consequencia, o metodo corretivo.

Agindo de outro modo, incorrerão os pais em falta para com os filhos, desde que impõem, a seu modo, o corretivo inadequado e de efeitos sempre desastrosos, quando não influem e de maneira deprimente, sôbre a independencia da vontade e sôbre as fôrças do carater.

Quem será que, voluntariamente, deseja criar na mentalidade do filho essa inferioridade para o estudo ou para o trabalho ?

XXXVI

A TEIMOSIA DAS CRIANÇAS

Observamos constantemente a teimosia das crianças no lar, como nas diferentes atividades do seu pequeno ambiente social.

Os meninos presumem conhecer tão bem quanto os pais a conveniencia dos seus desejos, a justeza dos seus pensamentos, e, assim, se propõem a escolher, por si sós, a orientação para a vida em particular.

Uma das causas mais influentes, porem, da teimosía das crianças é a convivencia má, é o exemplo dos que as cercam. A natureza parece haver dito á criança: — "Tens de viver uma epoca mais além do que teus pais. Delineia por ti mesmo o caminho que haverás de seguir com os de tua idade. Olha o que fazem os teus companheiros e realiza o mesmo a teu modo, como puderes".

Os companheiros são agentes educativos muito fortes e para os quais a familia e a escola devem olhar com particular atenção. A criança tem um surpreendente poder de imitação e não pequeno poder de assimilação.

O máu exemplo é o maior responsavel pelo insucesso da educação. A ele devemos os maiores desastres da educação dos jovens.

A vagabundagem, o jogo, o alcoolismo, a delinquência, são resultantes da má convivencia, do exemplo pernicioso que a sociedade tem oportunidade de oferecer ás crianças.

Não devemos estabelecer confusão entre a teimosía e a manifestação do poder da vontade, a demonstração da liberdade pessoal. E' por isso muito dificil educar de maneira a torná-las obedientes e acatadoras de todas as ordens razoaveis, respeitando-lhes ao mesmo tempo, o direito de iniciativa e discortinio proprio.

E' prudente, no intuito de evitar-se a teimosía, que nunca se transmita ás crianças uma ordem terminante; melhor será desviá-las engenhosamente, sutilmente do que se não deseja que elas façam, sugerindo-lhes, com ponderação o caminho a seguir e as consequencias nefastas do seu proposito anterior. O desejo de realizar sempre aquilo que é proíbido é humano, e não será a criança que possua a força moral necessaria para resistir ao imperio das tendencias humanas.

Um pai que pensa manifestar o poder da sua autoridade, transmitindo ordens aos filhos pequeninos poderá ter a certeza de que não será obedecido e de que está alimentando o grande defeito da teimosía. Se assim proceder não poderá queixar-se de outra causa determinante desse grande defeito educativo, senão da sua propria inhabilidade no agir para com êles.

Agir com habilidade a fim de reprimir o que se não deseja e estimular, imediatamente, o menino a uma outra atividade, é o que se deve fazer em tais ocasiões. O espirito da criança precisa ser desviado de uma para outra idéia.

XXXVII

A IDADE DAS PERGUNTAS

A educação antiga tolhia, por varios meios, a espontaneidade das crianças.

Na idade em que o interêsse desponta, a curiosidade se demonstra mais aguçada e a criança tem necessidade de tomar conhecimento de tudo o que lhe toca aos sentimentos; investiga, pergunta, deseja saber a causa de tudo. E' a fase denominada "das perguntas".

Nem sempre a familia auxilia as crianças atendendo ao império da sua evolução mental. Em geral, as perguntas frequentes e insidiosas causam desprazer aos pais que terminam oferecendo respostas monossilabicas ou dizendo que não sabem o que elas perguntam. Acreditamos que não é muito agradavel as pais já fatigados com as lides diarias, ter que atender a curiosidade dos filhos, ávidos que são em conhecer o que toca á sutileza da sua inteligência, mas convenhamos que nenhum de nós tem o direito de fugir ao imperativo dessa exigência da natureza infantil.

E' habito, entre as nossas familias, conversar, em presença dos filhos, assuntos que não deveriam chegar ao seu conhecimento; quando assim não o fazem, impõem a ausência dos garôtos, sob qualquer pretexto, afim de, a sós, poderem dissertar sôbre particularidades familiares ou sociais. Ora, a criança, mesmo que não esteja atravessando a fase das perguntas, é, geralmente, curiosa e quer sa-

ber; daí resultará que sua atenção ficou despertada e muito naturalmente, foi aumentado o interêsse para tomar conhecimento daquilo que lhe foi vedado. Vem a malícia, que deve ser evitada a todo o custo.

Temos o dever de não coagir a liberdade infantil, de não tolher nas crianças essa expansão, que é uma necessidade de seu espirito. Devemos auxiliá-las a descobrir os pequenos mistérios da sua inteligência. Devemos atender ás suas perguntas proporcionando respostas na altura da sua compreensão. Se dentre as investigações surgem assuntos que, por sua complexidade, elas ainda não podem ou não devem conhecer, resta-nos o dever de, sutilmente, engenhosamente, desviarmos a sua atenção, sem contudo, oferecermos oportunidade para suposições maliciosas.

As crianças devem ser ouvidas tanto quanto são vistas pelos pais e educadores. As palestras excitantes devem ser evitadas em sua presença, porque as tornam nervosas irritadiças, quando não as despertam para a maldade.

Com o fim de atender a essa curiosidade infantil, os pais, devem contar-lhes historias interessantes, de sã moral, nas quais sejam atendidas as exigências da sua curiosidade. Os pais devem mesmo ser engenhosos, habeis nêsse ponto de vista, de maneira a contentarem as crianças. Si o pai sabe contar a historia, o menino, que se mostrará atento, interessado, demonstrar-se-á contentado, o que quer dizer, o espirito infantil sentiu-se beneficiado. Nunca, porem, devemos impor-lhes um comportamento de absoluta abstração dessa natural expansibilidade. As crianças não podem ser tratadas como se fossem adultos em miniatura.

XXXVIII

A EDUCAÇÃO FISICA

E' conhecido o aforismo "men sana in corpore sano". Não é de nossos dias a teoria de que somente um organismo sadío poderá guardar uma inteligencia robusta. Surgiu daí a preocupação dos educadores pela saúde dos escolares.

A principio, a educação fisica teve que vencer os preconceitos da familia e da sociedade, sobretudo quando se tratava do sexo feminino, ao qual não parecia apropriado, o exercício fisico. Convem-nos evidenciar que a educação qualquer que seja, não é responsavel pelos excessos a que alguns apaixonados teem procurado levá-la. As paixões não podem dominar o espirito dos que se consagram ao beneficio da humanidade e todos os que dela se apoderam, desvirtuando os fins da filosofía, se nos afiguram entraves para o êxito desse notavel empreendimento; devem, por isso, ser colocados de parte e de maneira a não fazerem proliferar suas idéias.

Incontestavel é que a cultura fisica, sôbre ser necessaria, já não pode ser prescindida nos dias em que vivemos, quando o interêsse do Estado é tornar vigorosos o braço e o cerebro dos que hão de receber, amanhã, os seus destinos.

Não ha razão para supormos que a menina deve ficar afastada das aulas de exercícios fisicos restando apenas que lhes sejam escolhidos, como para os meninos, ambien-

te, hora, local, etc., atendendo-se igualmente, ás condições do clima e da saúde de cada uma.

A cultura fisica tem por fim e desenvolvimento dos orgãos e o aperfeiçoamento de suas funções. Os orgãos que não funcionam, atrofiam-se, enquanto os que se desenvolvem aumentam o poder de funcionamento; é o que nos dizem as leis biologicas. O exercício fisico constitue estimulo ás diferentes funções organicas. A energia muscular, a respiração, a circulação, etc., recebem, com vantagens para o homem, o estimulo que o exercício fisico lhes proporciona.

Deixando de parte a educação fisica negativa, que interessa de preferência aos higienistas, cumpre-nos reconhecer e proclamar que a cultura fisica representa fatôr poderoso da restauração individual da estabilidade étnica, desde que, fortalecendo o organismo, contribue para que as gerações posteriores venham a ser mais fortes, mais sadias, dádiva que recebem dos seus ascendentes através das leis de hereditariedade.

Os que se descuidarem das energias fisicas promoverão, sem o querer, a debilidade mental, pois, o sistema nervoso recebe tambem a influência benefica da atividade muscular.

Do exposto se conclue que pais e mestres não devem esquecer a cultura fisica das crianças. Pais e mestres devem incentivá-la de modo que possamos ter crianças robustas, sadias, inteligentes, vigorosas.

XXXIX

OS MENORES ABANDONADOS

O menor abandonado é uma das mais serias preocupações dos governos bem orientados.

Para corroborar esta nossa asserção bastará lembrarmos que são eles elementos nocivos á vida social quando, se recebessem a devida assistencia, poderiam transformar-se em cidadãos perfeitamente uteis a si e á coletividade. São geralmente crianças desajustadas ás quais o infortunio atingiu diretamente, obrigando-as a um tributo mais pesado. Educadas convenientemente, recalcariam o vicio e refreariam os sentimentos egoistas, modificariam as taras de que são portadores inconciêntes, para se adaptarem á vida laboriosa e construtiva que precisam viver todos os homens de bem.

Em nossos dias, não mais se admite que meninos em condições de serem educados e aparelhados para a vida, fiquem á mercê do proprio destino, entregues ao vicio e predispostos ao crime.

Larga visão demonstra mais uma vez o Govêrno do Estado, tencionando levar a efeito a criação de um abrigo destinado aos menores abandonados. Não será um carcere, nem um instituto correcional, mas uma escola onde se lhes forme o moral com o despertar dos sentimentos nobres; será uma oficina de trabalho, que os habilite ao viver honesto. De par com os metodos educacionais modernos, serão instalados campos de cultura, aulas

de ginastica, oficinas de mecanica e carpintaria, para a confecção de artefatos compativeis com a sua idade e condição fisica, pois, é mistér que eles se habituem a vêr no trabalho a maior fonte de prazer.

Se tivessemos um serviço de assistencia á infancia abandonada, na altura das nossas mais prementes necessidades, apreciariamos a marcha desoladora para a delinquencia, das crianças sem pão e sem lar que percorrem as arterias da nossa capital a cata de um niquel ou de um coto de cigarro que é jogado ao lado. Esse mesmo serviço, acompanhando a marcha educativa, seria capaz de nos patentear eloquentemente toda a evolução de um elevado cometimento em favor desses menores.

Os que se habituaram a lidar com as crianças não podem conter o pezar que lhes domina o espirito, o entristecimento dalma, quando se defrontam com sêres arrastados a essa triste condição. Fala o patriotismo em cada um de nós e antevemos, então, a patria do futuro subjugada ao peso das miserias, em se imaginando que, permanecendo abandonadas, habitarão o cárcere como autores de crimes pelos quais serão apenas responsaveis indiretos. Constrange-nos a certeza de vêr que lhes falta apenas um pouco de assistencia condigna e eficiente para que se transformem em cidadãos capazes de contribuir para a sua felicidade e para a grandeza da Patria que todos estremecemos e procuramos servir com abnegação.

Por que isolar de nós, deixando mergulhadas no vicio e na corrução, aquelas almas ainda suceptiveis de radicais transformações ? Por que reduzir o numero dos que fazem a vida economica do Estado para aumentar, consequentemente, a cifra dos que povôam as penitenciarias?

São raros os criminosos que trazem do berço o es-

tigma do crime. Na sua maioria, os delinquentes foram arrastados á prisão em consequencia de uma deficiente preparação para a vida real; tornaram-se criminosos quando embriagados ou na pratica de jogos ilicitos.

Todos os crimes revestidos de tais circunstancias poderiam ser evitados se os seus autores houvessem recebido, na idade oportuna, adequada educação.

Relembramos as palavras cheias da mais pura das verdades, de um brasileiro ilustre: — "No Brasil ha somente um problema a resolver-se — a educação do povo".

Efetivamente a educação transforma o sentimento, imprime nova orientação á vida civil e á vida politica, fortalece o carater, solidifica o moral, inspira afeição ao trabalho honesto, cria o respeito á autoridade, desperta o amor á familia; abre, finalmente, as portas do espirito para a civilização. Somente a educação será capaz de engrandecer o Brasil aos olhos das nações mais cultas.

XL

A PATRIA, O PATRIOTISMO

Nem sempre nos apercebemos do verdadeiro sentimento de Patria.

Ela é uma sintese de aféto, ternura, carinho e amôr fraternal. E' a terna recordação dos nossos antepassados, a comunhão de sentimentos de um pvo, a sua liberdade, a sua historia, tudo o que palpita na alma do homem ao contemplar o solo com a sua opulência, ao relembrar as maravilhas e os encantos da terra em que nasceu. E' o lugar onde experimentamos as primeiras sensações da vida. E' o amôr na maior pureza do sentimento materno. E' o této que abrigou os nossos risos e as nosas travessuras de criança, os nossos sonhos e as nossas esperanças, as nossas ilusões e os nossos desenganos. E' o lar onde ouviamos as historias de fadas, cheias de encantos nunca igualados; é a saudade de toda a vida passada e a mais pura esperança da vida futura. E' o trino do sabiá nas encostas da serra, o aboio do vaqueiro, o mugir do gado, o balir das ovelhas que pintalgavam o pateo da fazenda tão cheia de reminiscências; é a placidez das lagôas onde as marrecas ariscas perturbavam a tranquilidade da agua com o ciciar de aparente inquietude. E' o rio que deslisa placidamente, ou desce em cascata, quebrando a solidão infinita com o éco monotono do marulhar das aguas. E' a goiabeira em que nos guindavamos a cata dos frutos apetecidos e onde os pintassilgos engrazavam os seus ninhos cubiça-

dos. E' a casa onde nasceu o irmão mais moço e onde fechou os olhos para todo o sempre, o pai extremoso. Eis em resumo, o que evoca êsse doce vocabulo.

Ensinar as crianças o amôr a tudo o que impressiona os nossos sentidos, é dar lição de patriotismo. Êle não se resume na fantasia que geralmente lhe emprestam os ceticos. O patriotismo é qualquer cousa superior que fala ao coração e impele o homem a render um preito de veneração á terra em que nascemos. Não é fetichismo, não é idolatria, porque paira mais alto na conciência do homem.

O patriotismo é uma abnegação e é zelo a tudo o que fala de perto á alma de uma coletividade. E' a raça e é o povo; é o respeito ás leis que nos dirigem, é o acatamento ás autoridades que nos governam.

Incutir na alma das crianças a pureza desses nobres sentimentos é um dos maiores deveres de quem educa.

XLI

A SUGESTÃO, A IMITAÇÃO E A SIMPATIA

A sugestão consiste no ato psiquico de aceitar a idéia alheia e agir de conformidade com essa mesma idéia, sem o menor exame, siquer. E' uma das fases intelectuais da imitação. Após alguma observação concluiremos que a sugestão, a imitação e a simpatia são aspectos de um mesmo fato.

Todas elas são importantes no ponto de vista da educação da criança, e, por isso, não devem ser esquecidas pelos que se dedicam ao mistér de formar a mentalidade dos jovens.

Claparêde vê na sugestão apenas certa modalidade de persuasão, de maneira que persuadir é, em resumo, sugestionar.

E' do conhecimento geral que a sugestão age no subconciênte e, por isso, o maior ou menor gráu de sugestibilidade do cidadão representa importante papel no ato da sugestão; é mais importante mesmo do que a atitude do sugestionador. A sugestibilidade encontra-se na razão diréta do gráu de ignorancia do cidadão, muito embora fatôres diversos influam para aumentar o poder de sugestibilidade.

Os educadores aproveitam-se, muitas vezes do poder da sugestão para agir em beneficio dos educandos que ainda não se encontram suficientemente capazes de alcançar os

elevados designios de um determinado objetivo educacional.

A imitação é muito frequente na criança. Poderá concorrer para melhorar ou dificultar a educação. A criança possue elevada tendência para imitar. E' diante dessa verdade cientifica que se firma a educação pelo exemplo, pois a criança imita tão facilmente as bôas ações quanto as que lhe são nocivas. Não devemos fazer em presença de meninos aquilo que não desejamos seja por eles reproduzido. Por isso é que os atos de um educador conciênte da responsabilidade que lhe assiste no meio social em que vive, devem ser pautados em tal retilínea que possam, com vantagem, ser imitados pelas crianças do seu convivio e que o tomam como ponto de referência para as suas ações de pequenos seres humanos, despidos das luzes da razão já formada.

A simpatía não é um dom especial da natureza, como geralmente se supõe. O cidadão, por sua vontade, pelo efeito das suas atitudes, pode inspirar simpatia no meio em que se encontra.

Inspirar simpatia entre os educandos é um dos segredos dos mestres que desejam alcançar êxito no seu labor em pról da educação. Conseguindo o estreitamento desses laços de afinidade entre mestres e alunos, teremos vencido grande parte das dificuldades da escola em relação ás crianças. Pelos laços de simpatia o menino iniciará certa transformação nas atitudes e modificará o impulso da sua vontade: é a preparação do campo em que ha de ser lançada a semente fecunda da grande arvore que a escola deseja viçosa e florida, e da qual espera, confiante, os mais sadios e sazonados frutos.

XLII

A DISCIPLINA NA ESCOLA

Alunos disciplinados, longe de serem alunos coagidos, são os que agem livremente, naturalmente, porem dentro da ordem.

Antigamente, a criança disciplinada era a criança tímida, semi-imobilizada, que falava pouco, deixava-se ficar presa á carteira, e, nos recreios, permanecia afastada dos brinquedos, ao lado do professor ou encostada pelos cantos da área interna destinada aos jogos infantís. Era o aluno ideal porque não causava desgostos ao professor, não fazia enredo dos colegas e somente se preocupava com os mistéres da classe. Hoje, porem, a ciência nos ensina que essas crianças reclamam os cuidados do higienista, porque apresentam sinais de debilidade.

A disciplina não é, em nenhuma hipotese, a imobilidade. E' antes a atividade conciente, metodizada, racional, e, ao mesmo tempo, presidida pelo senso da responsabilidade pessoal e pelo respeito aos dispositivos regimentais, que são o codigo da pequenina sociedade que a escola representa. Agindo dentro do regimento escolar, a criança aprende a respeitar e acatar as leis da sociedade onde viverá por si só, quando adulto.

Deixar que as crianças usufruam liberdade e manifestem livremente as suas tendencias, é uma necessidade propria do regimen disciplinar de um estabelecimento de educação. Sem que o mestre se aperceba das particulari-

dades do carater de cada aluno, não poderá jamais dosar as lições de moral, nem julgar da idoneidade propria de cada um. O menino precisa ensaiar, na escola, a vida que vai viver.

Alem disso, coagir não significa disciplinar, não forma o carater independente, não constitue a fortaleza da vontade, nem habilita o homem a enfrentar com energia e coragem, as vicissitudes do meio que o aguarda. O menino educado sob o regimen de coação será um cidadão incapacitado para a vida independente que todos precisam viver.

Fazer a criança conhecer os erros e ensiná-la a evitá-los, é que é principio recomendavel a quem deseja formar cidadãos habilitados para a vida real tão cheia de provações, aliás.

Deixar que as crianças se agitem, trabalhem e brinquem, formem clubes entre si, nos quais eduquem o sentimento de cooperação e de solidariedade, não constitue jamais indisciplina escolar. Todos esses jogos, todos os entretimentos das crinaças, podem ser feitos dentro da ordem, com o respeito e o acatamento á autoridade do mestre e aos dispositivos regulamentares, dentro de uma bôa disciplina, finalmente.

Pais e mestres devem, até mesmo, incentivar, auxiliar e promover os jogos dos meninos, sobretudo entre aqueles mais tímidos, até então aceitos como padrão da disciplina.

Disciplina é ordem; nunca, porem, imobilidade.

XLIII

O QUE SÃO TESTES

I

Quando nos resolvemos a fazer estas considerações sobre educação, esperavamos ser lidos especialmente pelo nosso professorado primario, a quem o assunto interessa em particular. Com surpresa, porem, acabamos de vêr que, além desse, teem elas interessado alguns pais de familia. Pelo menos, um nosso amigo que não deseja vêr o seu nome declinado e a quem prometemos guardar a conveniencia pedida, interrogou-nos com muito interêsse sôbre o que vem a ser teste, palavra a que nos referimos em mais de um dos nossos comentarios.

Não nos surpreende que um pai deseje saber o que é teste; o que nos surpreende, efetivamente, é que as teorias pedagogicas tenham impressionado a quem não é dedicado aos mistéres da educação.

Não é, como se poderá pensar, uma balela a teoria dos testes psicologicos. Por isso é que nos propomos, com muito prazer, aliás, a satisfazer ao desejo do nosso amigo. Fá-lo-emos, porém, em parcelas, em doses homeopaticas, afim de não sermos prolixos, de não nos tornarmos indesejaveis.

Teste é uma medida utilizada para apreciar-se determinada capacidade do homem.

Os educadores se preocupam com os testes **mentais** ou **psicologicos** e com os de **escolaridade** ou **pedagogicos.** Além destes ha os que medem os carateres fisicos, a capacidade fisiologica, etc., que interessam mais aos medicos e aos higienistas.

Alfredo Binet, psicologo francês, foi quem primeiro se preocupou com os testes, e depois de varias experiências, nos forneceu uma escala, isto é, grupos de cinco perguntas para cada idade e que podem ser respondidas satisfatoriamente por todas as crianças normais da idade correspondente a cada grupo. Com o advento dos testes, surgiu a idéia de determinar-se o poder intelectual. Surgiu o "quociente intelectual", que é, em resumo, a relação expressa em numeros ,entre a idade real, cronologica, e a idade intelectual do experimentando, isto é, a idade correspondente ás respostas satisfatorias das questões propostas.

Pelo quociente intelectual são classificados os escolares, de acordo com a escala, desde o mais inteligente ao menos dotado desse poder mental, até os debeis.

E' o quociente intelectual orientação precisa para o tratamento a ser dispensado ás crianças.

Para a aplicação de um teste é necessaria certa especialização e tecnica.

Não é sem aparelhagem e sem pedagogos especializados, que se pode iniciar a sua pratica nas escolas. Demanda, além disso, numerario para a instalação de classes de acordo com o poder da inteligencia de cada grupo. Não nos adiantaria o conhecimento do poder mental dos escolares, sem a possibilidade de colocá-los nas classes que lhes competissem. E' a "escola sob medida", de que falam os pedagogistas; são as "classes uniformes", onde o trabalho do professor não é disperdiçado, onde o aproveitamento dos alunos é quasi de cento por cento.

Quando será que teremos a felicidade de matricular nossos filhos em estabelecimentos de ensino organizados dentro desses moldes ?

XLIV

O QUE SÃO TESTES

II

Quando se tem de realizar um teste começa-se pelo ano anterior á idade da criança, marchando-se em ordem decrescente até a idade em que ela responde a todas as perguntas, subindo-se, em seguida, até a idade em que ela não responde a nenhuma das questões. Exemplifiquemos :

Vamos submeter ao teste a criança **A**, de 6 anos e 3 mêses.

Crédito dos 4 primeiros anos	48	mêses
6 questões de 5 anos respondidas satisfatoriamente, multiplicadas por 2, numero de mêses correspondentes a cada pergunta	12	»
5 questões de 6 anos	10	»
2 questões de 7 anos	4	»
Soma	74	mêses

Calculemos o quociente intelectual (Q. I.) :

A criança **A**, tendo 6 anos e 3 mêses de idade cronologica, contará 75 meses. Dividindo-se 75 (numero de mêses da sua idade cronologica) por 74 (numero de mêses da sua idade mental), teremos 1,10 que, prescindindo-se da virgula, se lê 101, que é **quociente intelectual** da criança submetida ao teste.

Terman classificou as crianças de acordo com o quociente intelectual do modo seguinte:

Acima de 140 — Quasi genio
De 120 a 140 — Inteligencia muito superior
De 110 a 120 — Inteligencia superior
De 90 a 110 — Inteligencia normal
De 80 a 90 — Subnormal, debil mental
De 70 a 80 — Portadores de debilidade mental congenita
Abaixo de 70 — Debilidade definida

Entre os de debilidade mental definida êle nos faz a seguinte subclassificação:

De 50 a 70 — Estacionarios
De 25 a 50 Imbecís
Abaixo de 25 — Idiotas

A criança A, submetida ao teste, tendo obtido 101, está classificada entre as normais.

Cumpre notar que os teste de Binet, além da aplicação para que haviam sido organizados, foram usados, com êxito, em escolas superiores, em quarteis e na seleção de funcionários do comercio e de repartições publicas.

Do exposto conclue-se que o teste é efetivamente a mais perfeita investigação cientifica até hoje conhecida para orientar o trabalho da educação.

XLV

A PREPARAÇÃO DO MESTRE

O mestre deve conhecer muito bem o que ensina — é comezinho preceito de pedagogia aplicada.

Efetivamente ninguem poderá ensinar bem senão aquilo que conhece muito bem. Quando o mestre não possue o dominio da materia que leciona, ensina vagamente, sem interêsse e sem despertar o interêsse nos alunos. A sua presença na classe é sem firmeza, denunciando certo receio.

Um professor concio das responsabilidades que lhe assistem, leva sempre á classe novos conhecimentos e maneja facilmente a lição; segue com rapidez as atividades dos alunos, esclarece os pontos obscuros, ministra, enfim, a lição pleno de confiança em si mesmo.

Por mais competente que seja o professor, por mais conhecedor da materia que pareça a outrem ou a si mesmo, é certo que, no momento da lição, esquecerá pontos de maxima importancia, para referir minudências de plano secundario. Demais, não é prudente confiar em excesso nas faculdades da inteligencia. O bom mestre precisa baixar ao nivel intelectual de seus alunos, interessando-se para que assimilem a materia explicada.

Os conhecimentos de um professor devem ser completos, devem ser vastos, muito mais vastos do que os limites da lição que ministra. Na ocasião em que se leciona

não ha tempo para fazer-se esforço de recordação ou de raciocinio.

E' condenavel, abominavel mesmo, o sistema de esboçar a lição a ser ministrada, as perguntas a serem feitas, etc. O essencial é que fique delineado na mente o plano da lição, que deve ser firmada na inteligencia, clara e precisamente, com os conhecimentos prontos para ação.

A preparação do mestre deve abranger não só os conhecimentos da materia a ser ensinada como tambem a ordem de apresentação da lição, isto é, o metodo que deverá seguir, quer no prelecionamento, quer na arguição.

A lição preparada é facil, é atraente, é proveitosa. Em caso contrario, torna-se enfadonha, monotona, desinteressante, sem proveito.

O melhor mestre é, pois, o que melhor prepara as suas lições e procura transmití-las visando o maior aproveitamento da classe que dirige.

XLVI

A CORREÇAO DOS TRABALHOS ESCRITOS

E' de magna importancia a correção dos trabalhos escritos.

Da correção de um trabalho depende, em grande parte, o êxito do empreendimento de um professor.

Os processos de correção variam, porem, de disciplina a disciplina, de classe a classe e, ás vezes, de aluno a aluno.

Dentre os sistemas mais usados destacamos:

a) Correção feita pelo proprio professor;

b) Correção feita pelos alunos, com assistencia do professor.

Ambos oferecem inconvenientes didaticos.

A correção feita pelo professor assinalando os erros com tinta vermelha, para destacá-los, nem sempre é observada pelos discentes que, na sua generalidade, não ficam animados do proposito de evitá-los nos exercicios subsequentes. E' humano o esquecimento, sobretudo após um ou dois dias, tempo que decorre, quasi sempre, entre um e outro exercicio identico.

A correção feita pelos proprios alunos, com a assistencia do professor, é ainda muito falha. Exige, além disso, que o mestre lhe consagre tempo consideravel, o que nem sempre o horario escolar comporta sem prejuizo dos programas.

O poder de fixação é generalizado e atinge tanto ao certo quanto ao errado. Convem evitar-se a impressão mental de um erro porque o cerebro pode reproduzí-lo

automaticamente, sobretudo em se tratando da inteligencia infantil, que possue acentuado poder de fixação.

O melhor processo de correção consiste em evitar o erro. Em regra geral, as melhores correções são as que se fazem na ocasião em que o aluno comete o erro. Com esse fim, o professor, durante os trabalhos escritos, percorrerá a classe, entre as filas de carteiras, pondo-se em contacto com os alunos e auxiliando diretamente um a um. Antes de cada exercicio, é conveniente que o professor lembre á classe que todos, indistintamente, deverão interrogá-lo, com ampla confiança, sobre qualquer dúvida, pois, é de maior proveito evitar o erro do que corrigí-lo. E' preciso insistir nessa advertencia afim de que se forme esse habito na classe. Por esse meio serão solidificados varios conhecimentos e evitados muitos erros.

Interessados, desse modo, os alunos ficarão animados do desejo de apresentar trabalhos o mais possivel corretos, saberão evitar os erros menos dificeis, deixando ao mesmo tempo, de receber impressões indevidas, deficientes ou erradas, com as quais teriam, naturalmente, de lutar mais tarde.

Aplicando um tal sistema de ministrar lições escritas o professor poderá usar, depois, o sistema de "correção pelos proprios alunos, com a assistencia do professor". Os alunos tomarão interêsse em corrigir os erros que não puderam evitar. E' mais proveitoso o trabalho do professor.

XLVII

A METODOLOGIA DO DITADO

Quando bem feito, o ditado é dos mais uteis exercicios de linguagem.

Não é facil executar-se com proveito para a classe esse exercicio de ortografia. Em se tratando do ditado de sentenças, maiores devem ser os cuidados do mestre. A primeira dificuldade que surge, desde logo, é a escolha do trecho, pois, nem todos convêm á sua execução. E' preciso que não seja muito facil nem demasiadamente dificil; no primeiro caso a classe não terá o que aprender, no segundo, sentir-se-á incapacitada para remover as dificuldades e tratará de realizá-lo mecanicamente sem a preocupação de grafar as palavras pela maneira que julga acertada. O trecho deve encerrar um principio de sã moral. Ao ditar, o professor deve pronunciar as palavras mui claramente, porem sem ênfase, nunca repetindo-as para os que não as ouviram bem. As locuções devem ser ditadas em um só todo, isto é, sem que se separem as palavras que as estão formando, de modo que, pela compreensão do sentido do texto, os alunos possam escrevê-las corretamente. As ressonancias e os écos devem ser evitados com a pronunciação em separado dos vocabulos que os possam originar. Nos primeiros ditados o professor indicará, no momento oportuno, a pontuação devida, mas, á proporção que a classe prossegue nos exercicios, o professor irá, aos poucos, suprimindo-a e exigindo que os alunos a coloquem de

acordo com a inflexão propria que, ao ditar, o mestre vai imprimindo á voz; assim, os alunos aprenderão a colocar devidamente os sinais de pontuação.

Depois de feito o ditado pausadamente, em voz alta, o professor tornará a lêr o trecho correntemente, expressivamente, em cuja leitura deve ser acompanhado mentalmente por todos os alunos, afim de que cada um verifique se omitiu alguma palavra ou se cometeu erros decorrentes de imperfeita audição. Em seguida á leitura, o professor deve fazer um comentario sobre o assunto do trecho que serviu para o exercicio. Quando no meio do ditado surge alguma palavra que constitue maior embaraço para os alunos, o profesor deve ajudá-los, escrevendo-a no quadro-negro, com letra bem legivel.

Terminado o exercicio e feita a correção dos erros, o professor deve chamar para êles a atenção dos alunos; não sendo isto possivel com todas as palavras erradas, fará, ao menos, a respeito dos erros mais graves.

Realizando assim o exercicio de ortografia, terá o professor contribuido para tornar proveitosa essa importante lição de linguagem.

XLVIII

RELAÇÃO ENTRE A FAMILIA E A ESCOLA

A profissão de educador imprime ao cidadão que a exerce uma mentalidade especial, correspondente ás exigencias da propria função.

O espirito de abnegação e o desprendimento pessoal, que são qualidades proprias de quem abraça esse ministerio, criam, efetivamente, uma delicadeza de sentimentos que bem recomendam os portadres dessa virtude.

Algumas vezes, mal compreendidos, outras, desajudados, não ha, mesmo assim, dificuldades que possam arrefecer-lhes o entusiasmo pela causa que defendem com sobranceria insuperavel. Ao envez, cresce dia a dia o desvelo com que habitualmente se deixam empolgar no profiado e constante trabalho.

Não ha misticismo na sua atitude, como a alguem poderá parecer o comportamento do mestre escola. E' que a educação, recebendo os influxos das leis cientificas, não deixa, entretanto, de ser um trabalho do coração, pois que melhor educará quem mais souber amar ás crianças. Os metodos educativos serão absolutamente falhos se não forem executados com o sentimentalismo sadio, ditado pelo amôr ás crianças.

A escola, porem, realizará muito pouco se lhe faltar a colaboração da familia que é a mais interessada pela educação dos filhos. As informações sobre antecedentes de cada escolar, suas preferencias, as particularida-

des do carater, habitos, tendencias, etc., constituem poderoso auxilio aos professores. A união de vistas entre pais e mestres, o acordo no modo de agir, dentro e fóra da escola, por um e outros dos agentes da educação, quer isoladamente, que por meio das "associações de pais e mestres", é de efeito salutarissimo, incalculavel mesmo. Somente uma atuação em conjunto poderá assegurar o exito dos notaveis empreendimentos, sobretudo no que se refere á preparação moral e social da infancia. A criança atravessa, dos 7 aos 12 anos, uma idade propicia á concretização das forças do carater. Abandoná-la a si mesma ou descurar o trabalho educativo nessa fase da vida infantil, será dificultá-lo senão torná-lo impossivel depois.

Quando a familia compreender essa grande verdade, quando os pais se aperceberem dessa necessidade inadiavel, terão oportunidade para suprir tão grande falta?

Quando raiar a aurora em que o professor estiver assentado no lugar que lhe é proprio, quando as normas educativas por ele ditadas forem aceitas pelos pais, quando a familia tomar parte na construção do grande edificio social, que é a formação do carater da infancia e da juventude, estará resolvido definitivamente o magno problema do futuro dos moços; a escola dará melhoros frutos do seu labor e reinará a felicidade na familia, a felicidade relativa que é, nada mais, nada menos, do que o bem-estar de cada um em particular, fruto do perfeito ajustamento de todas as peças da grande maquina que é a sociedade humana.

Eis, em resumo, o que deseja a escola; eis o que desejam os profesores conciêntes da responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros.

II.

OS "TOXICOS SOCIAIS"

E' comum entre nós a suposição de que toda a infelicidade dos homens obedece ás leis do atavismo. Não raro ouvimos a respeito de um moço inadaptado aos principios da educação, que experimenta os efeitos do "destino", que tem "má estrela", etc. Tais suposições se prendem ás velhas crenças pelas quais divindades cégas eram responsaveis pelos destinos dos homens.

Estudando os problemas educacionais, a ciência evidencia que nem todos os insucessos da educação do lar ou da escola, são devídos exclusivamente á hereditariedade.

Sem querer negar o poder do atavismo, cumpre-nos, entretanto, proclamar a grande verdade tão comum no dominio publico, que o meio exerce influência poderosa na educação. Daí o conhecido adagio "o homem é o produto do meio".

E' muito complexa a influência do meio sobre o homem que não será efetivamente, senão o produto da sociedade que frequenta. O seu proprio temperamento varia através do tempo e do espaço.

Aos educadores interessa vivamente o estudo de todos os fatôres sociais aos quais se condiciona o comportamento do homem. A familia, a religião, as instituições recreativas, etc., desempenham saliente papel na atitude

dos proprios adultos. O cinema, com fitas impressionantes, em que se desenrolam senas de fundo moral corrutor dos sentimentos, de transes agudos e de baixa moralidade, tem sido dos mais nocivos fatores de dissolução dos costumes sociais. As más companhias, exemplo vivo do desmoronamento moral, são, pelo mesmo modo, fatôtes preponderantes do desajustamento social, e determinam a mudança de rota na vida dos jovens inexperientes e fracos de vontade. Êsses, como tantos outros complexos da educação fóra do lar e da escola, são denominados "toxicos sociais". Podem corromper a moral pouco alicerçada, dos moços na sua íntima convivência, sem as forças de carater indispensáveis a que mantenham a retilinea traçada pela escola. E' fóra de duvida nos dias em que vivemos, que o mau ambiente é bastante para destruir todo o trabalho educacional. E' o ambiente nocivo, o responsavel mais diréto pelo comportamento dos viciados, jogadores, ébrios e até mesmo delinquentes.

Os denominados "toxicos sociais" constituem por isso mesmo o maior espantalho dos pais e educadores dignos desse nome e concios dos seus elevados deveres. A êstes ultimos cumpre fortificar o carater dos moços até o ponto de poderem, por si sós, resistir aos embates do tufão que lhes ameaça destruir o edificio da nobre personalidade. E' mistér que os moços se possam defender dos contagios morais e sociais com o mesmo fervor, com a mesma fôrça inquebrantavel com que se defendem das molestias contagiosas. Não deixemos, pois, que o desmoronamento da sociedade pela dissolução e pelo vicio, possa arrastar os incautos ao turbilhão das multiplas degradações humanas. Sendo impossivel a extinção do fóco de contágio, todas as medidas salutares e de bôa profilaxia se impõem na

defesa dos legitimos interêsses da familia e da sociedade.

Aos pais e educadores cumpre a dosagem qualitativa e quantitativa do medicamento especifico, aplicavel a cada um dos casos em particular.

I.

A APRENDIZAGEM TEM BASE NO INTERÊSSE

O fenomeno educativo tem impressionado seriamente os estudiosos.

Consiste êle na reconstrução da experiência, á luz dos fatos quando percebidos em todas as suas consequências. Diante desse conceito o processo educativo se efetua na concepção real da vida, onde o que é aprendido possa ter utilidade imediata e produza as naturais e previstas consequencias salutares. Efetivamente, a criança não é obrigada a repetir todas as experiências da raça desde o seu nucleo primordial. As experiências é que hão de ser selecionadas e, assim, constituirão e atividade geral da criança.

O interêsse dos alunos, que é assentado naquelas experiências, desempenha mui saliente papel na aprendizagem; só se aprende verdadeiramente aquilo que satisfaz ao interêsse e á curiosidade.

As crianças de hoje observam e se integram nos fatos que presenciam, identificam-se com os fenomenos sociais ao seu alcance. Elas porem, irão viver a vida um pouco mais avançada dos dias atuais, com as novas e crescentes responsabilidades decorrentes do meio. E' natural, é logico que se preparem convenientemente para essa vida mais exigente e mais complexa. Devemos, por isso, oferecer-lhes oportunidade para pensar e julgar por si mesmas; devemos conceder-lhes ampla liberdade de ação, afim de que possam corresponder ás exigências dos dias

futuros em que, a sós, tiverem de atender com superioridade e precisão, aos anseios da sociedade sempre em evolução na sua marcha progressiva.

A bôa politica de aprendizagem e, portanto, de ensino é a que se orienta no despertar do interêsse pelos fatos, pelos exemplos, por tudo o que vier a servir de tema ao trabalho escolar. Sem isso, a escola deixa de atender a uma das suas mais importantes finalidades.

Aos responsaveis pela educação, pais ou mestres, cumpre agir em torno dêsse interêsse e de modo que os meninos possam alcançar os objetivos da vida que lhes aguarda. A vida resume-se na evolução; viver é preencher essa finalidade. E o homem precisa viver.

LI

A EDUCAÇÃO, MAIOR BEM DA VIDA

Todo esforço empregado para melhorar a educação é digno dos maiores encômios dos administradores conciêntes das suas responsabilidades bem como daqueles que têm a alma votada á felicidade da Patria.

Não há problema de maior interêsse e relevancia do que a formação do futuro. Um povo que não olha para o futuro é um povo condenado a retroceder. Se quisermos evitar êsse retrocesso na marcha da civilização, teremos forçosamente que avançar no ponto de vista educacional.

A colheita da seára do espirito não é colheita material, ponderavel aos olhos da carne, porem, somente perceptivel aos olhos da inteligencia.

Não ha condição social ou politica, não ha rico ou pobre que se possa eximir do cumprimento do sagrado dever de contribuir para o enriquecimento das fôrças da inteligência.

A educação é o maior de todos os bens da vida, é tesouro inexgotavel, fonte perêne de virtudes sempre crescentes; resume a felicidade espiritual tão almejada e preenche com plenitude os anseios da civilização.

A familia, essencialmente interessada na maior felicidade dos filhos, deve acompanhar passo a passo a sua formação moral e mental. Ao lado dos mestres, de mãos dadas com a escola, em perfeita harmonia de vistas, trabalhará conjuntamente para o fim unico de formar a in-

dividualidade dos herdeiros legitimos das nossas tradições e da nossa raça.

Não será possivel o êxito em tão importante cometimento com o divorcio desses agentes educativos.

Aos pais cumpre prestar ao professor o apôio necessario ao bom termo da sua tarefa e ouvir-lhe as sugestões apresentadas em favor dos filhos; aos mestres, a necessaria adaptação ao meio social a que são mandados para servir á Patria, instruindo e educando os futuros cidadãos. Devem-se ambos cordialidade franca e absoluta, harmonia, auxilio, confiança irrestrita.

E' preciso que pais e mestres compreendam a delicadeza da missão a que foram chamados. Que se estimulem e se auxiliem, para felicidade das crianças, grandeza da familia e nobreza da Patria.

LII

A" EDUCAÇÃO PRIMARIA E' A EDUCAÇÃO PRIMEIRA, PRIMARCIAL"

Os espiritos de escól são ávidos pela solução do problema que assegura a independencia intelectual e a firmeza do carater.

Todo esforço empregado no sentido de educar o homem preparando-o para uma vida melhor, oferecendo-lhe possibilidades para conhecer-se a si proprio e tornar-se feliz, é digno dos maiores aplausos e do mais decidido encomio dos que têm responsabilidade nos destinos dos povos.

A educação primaria, base da individualidade dos homens, torna-se por isso mesmo, a mais importante sob qualquer ponto de vista em que analizemos o processo educacional.

Ela é, por assim dizer, o ponto de apoio de todo o movimento em favor do homem, que assegura a base da familia e que alicerça o majestoso edificio da nacionalidade que precisamos forte e valorosa, porem altiva, na perfeita conciência dos seus elevados designios.

Não se poderá exigir o cumprimento das leis morais, sociais, civicas e religiosas de um povo que não tenha o espirito preparado para compreender o valor da vida em face das proprias leis.

A educação primaria é, pois, a base da formação integral do cidadão; é sobre ela que se assentam todas as ou-

tras; ela é o ponto de apoio das nacionalidades e a segurança das democracias.

Quando os jesuitas se propuseram a colonizar o gentío, voltaram-se para a educação primaria e sobre ela assentaram o edificio da civilização desse povo; ensinaram-lhe a lêr, escrever e contar e pregaram entre eles os sagrados deveres do homem para com o homem, para com a sociedade e para com Deus. Não se fez esperar o resultado maravilhoso desse notavel e sublime empreendimento.

Através da historia de todos os povos não vimos jamais que a civilização houvesse atingido algo de edificante, houvesse obtido qualquer parcela de progresso que não fôsse em consequencia de um salutar processo educativo iniciado na escola primaria.

A educação primaria é a primeira educação, a educação primarcial. E' o maior de todos os legados, o maior de todos os bens da vida, e deve preencher todas as lacunas do espirito.

E' o que veem realizando os anonimos patriotas que se ocultam sob o modesto véu de mestre-escola.

LIII

O PAUPERISMO ENTRE OS ESCOLARES

Seria preciso não ter a alma engolfada no amôr pelas crianças para deixar de sentir qualquer cousa de extranho diante da condição de inferioridade em que muitos dos nossos escolares, por infelicidade nem sempre remediavel, se deixam arrebatar pelo efeito do pauperismo, que, por si mesmo, é um dos mais serios obstaculos da escola primaria entre nós.

Quem vive entre escolares ,aufere, mesmo sem o querer, a condição financeira de cada um dos companheiros de jornada. Os dias de aula se sucedem e com êles uma avalanche de sêres transpõe, ano a ano, a porta do salão, levando consigo as alegrias da vitoria de par com os votos sinceros de uma completa felicidade, mas deixando-nos a preocupação maxima do futuro, da incerteza do que poderão permitir os recursos de suas reduzidas possibilidades financeiras.

A pobreza dos escolares impressiona devéras a alma dos professores. As crianças que sofrem a dureza das suas consequências têm o corpo debilitado e o espirito sensivel até mesmo ás pequenas dôres morais.

Instituições auxiliares da escola precisam ser criadas e mantidas com o fim de resolver este importante capitulo da educação.

Uma assistência completa se impõe como imperioso dever social .As caixas escolares, o copo de leite, a sopa

escolar, as cooperativas, são complementos da educação, ao mesmo tempo que oferecem oportunidade para levar-se a cabo a educação primaria da prole, ás vezes bem numerosa. O Govêrno lhes dá professor, porem ainda assim é custoso o sustento dos filhos nas aulas mesmo gratuitas, com o calçado, a roupa e os objétos escolares de uso individual. Por ocasião das festas coletivas, observamos com pesar as desculpas apresentadas por falta de uniforme ou calçado. E que tristeza não se nota no semblante dos pais a quem não é possivel fazer com que os filhos se apresentem com decência nas solenidades publicas ?

As crianças pobres são em grande porcentagem, nas escolas publicas. Sua condição de menor abastança constitue, por si só, a causa de uma inferioridade que faz retardar o desenvolvimento da inteligência.

LIV

O MAGISTERIO DEVE SER EXERCIDO COM ABNEGAÇÃO E SUPERIORIDADE

Não são em numero reduzido os obices encontrados pelo mestre nos trabalhos diarios de sua classe.

As dificuldades surgidas pela escassez de recursos do meio são, por si sós, forte entrave ao sucesso de um labôr porfiado e intenso.

Grandes são tambem os embaraços advindos da falta de adaptação ao meio, e outros tantos têm origem na indisposição do docente para o exercicio desse fatigante mistér. Nada poderá ser mais revoltante na escola do que uma atitude do professor constantemente hostil aos alunos, manifestando-se entediado e destituido dessa bondade edificante que deve predominar no espirito de quem se propõe a educar. Ha mestres, sobretudo mestres primarios, que alegam em sua desculpa e em razão de tais atitudes, a pequena remuneração a que fazem jús. Realmente é mal remunerada a função do professor, mas nem por isso é justificavel um trabalho, mal feito. Quem aceitou a missão tem o dever indeclinavel de cumprí-la fielmente. Que diriamos de um padre que se revoltasse contra o seu ministerio e fosse desidioso na sua elevada função espiritual porque não fosse procurado para rendosos exercicios de sua missão ? Que diriamos, igualmente, do medico que chegasse ao extremo de receitar drogas sem finalidade

para determinada molestia porque o cliente não lhe pudesse compensar generosamente ?

Ninguem obrigou o padre ,nem o medico, nem o professor, a aceitar a sua missão. Se algum não se sente adaptado ao mistér que abraçou, não lhe assiste o direito de exercê-lo com imperfeição e lacunas.

E' preciso, pois, que o magisterio seja exercicio com abnegação e superioridade. As crianças não são responsaveis pela falta de remuneração condigna do mestre. Um professor que mais se preocupa com a remuneração do que com o bem que distribue entre seus alunos, nunca poderá ser considerado um professor.

Os mestres precisam auxiliar-se mutuamente. Depositarios do mais sublime dos encargos sociais, não se compreende que permaneçam isolados em sua personalidade, sem a solidariedade propria de toda classe chamada aos sublimes misteres sociais. Uma sincera amizade entre oficiais do mesmo oficio edifica e fortalece a alma para os embates mais pesados do futuro.

A missão do educador é tambem um ministério; somente deverá aceitá-la quem se sentir naturalmente inclinado para ela. E' das profissões para a qual a vocação constitue elevado coeficiente de êxito. Antes da compensação material ha uma satisfação do dever cumprido, pois, não haverá, efetivamente, dinheiro com que se possa retribuir o desvelo de um cidadão pela sorte de nossos filhos.

Aos educadores cumpre nunca desvirtuar a sublimidade da profissão que abraçaram; ao em vez disso devem elevar dia a dia sua tarefa nobilitante, exercendo-a com abnegação e devotamento decididos.

INDICE

INDICE

Cap.		Pgs.
I	— Mais um pouco de abnegação pela escola	3
II	— A leitura na escola primaria	5
III	— Não ha ensino sem disciplina	7
IV	— O exercicio de ditado	9
V	— A higiene da agua na escola	11
VI	— O briquedo na escola	13
VII	— Auxiliemos o trabalho das crianças	15
VIII	— Cultivemos o solo	17
IX	— A preparação das lições	19
X	— A formação do carater	21
XI	— A arte de ensinar	23
XII	— A debilidade organica dos escolares	25
XIII	— A orientação profissional	27
XIV	— O bom humor na educação	29
XV	— Crianças preguiçosas	31
XVI	— Os castigos fisicos	33
XVII	— O horario escolar	37
XVIII	— O abuso da memoria	39
XIX	— Os programas escolares	41
XX	— A influencia da musica na escola	43
XXI	— A educação no lar	45
XXII	— A mentira das crianças	49
XXIII	— O cinema na escola	51
XXIV	— A escola de ontem e a escola de hoje	53
XXV	— Principais fases da vida infantil	55
XXVI	— O jardim de infancia	59
XXVII	— O ensino rural	61
XXVIII	— A influencia do avô na educação domestica	63
XXIX	— A "gazeta" ás aulas	65
XXX	— O desenho infantil	67

Cap.		Pgs.
XXXI	— A formação do carater	69
XXXII	— O culto aos mortos	71
XXXIII	— A noção de inferioridade	73
XXXIV	— Abrir uma escola é fechar um cárcere	75
XXXV	— O atrazo intelectual	77
XXXVI	— A teimosia das crianças	79
XXXVII	— A idade das perguntas	81
XXXVIII	— A educação fisica	83
XXXIX	— Os menores abandonados	85
XL	— A patria, o patriotismo	89
XLI	— A sugestão, a imitação e a simpatia	91
XLII	— A disciplina na escola	93
XLIII	— O que são testes I	95
LXIV	— O que são testes II	97
XLV	— A preparação do mestre	99
XLVI	— A correção dos trabalhos escritos	101
XLVII	— A metodologia do ditado	103
XLVIII	— Relação entre a familia e a escola	105
XLIX	— Os "toxicos sociais"	107
L	— A aprendizagem tem base no interêsse	111
LI	— A educação, maior bem da vida	113
LII	— "A educação primaria é e a educação primeira, primordial"	115
LIII	— O pauperismo entre os escolares	117
LIV	— O magisterio deve ser exercido com abnegação e superioridade	119